

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**UMA ANÁLISE DO EU EM TEMPOS DE VIRTUALIDADE: REFLEXÕES
PSICANALÍTICAS**

WILLIAM SELAU ALVES

Brasília
2020

WILLIAM SELAU ALVES

**UMA ANÁLISE DO EU EM TEMPOS DE VIRTUALIDADE: REFLEXÕES
PSICANALÍTICAS**

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

**Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rigotto
Lazzarini**

Brasília
2020

WILLIAM SELAU ALVES

UMA ANÁLISE DO EU EM TEMPOS DE VIRTUALIDADE: REFLEXÕES
PSICANALÍTICAS

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini
Universidade de Brasília (UnB)
Presidente

Prof. Dr. Roberto Menezes de Oliveira
Universidade Católica de Brasília (UCB)
Membro externo

Profa. Dra. Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil
Universidade de Brasília (UnB)
Membro interno

Profa. Dra. Marcia Cristina Maesso
Universidade de Brasília (UnB)
Membro suplente

Brasília
2020

Aos meus pais que sempre me apoiaram no
percurso de estudos, mesmo sem terem tido a
oportunidade de trilhá-lo.

Agradecimentos

Ao grupo de orientação, coordenado pela Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini, que ressignificou as segundas-feiras em um momento de muito aprendizado e trocas de experiências semanais.

Aos integrantes da banca de defesa que aceitaram o convite em contribuir com a avaliação dessa pesquisa.

Aos professores e colegas que de alguma forma contribuíram para minha formação em psicologia desde a base.

Aos familiares e amigos que de perto e de longe, presentes e virtualizados, me acompanharam e me apoiaram durante todo o percurso acadêmico.

“Quem tem olhos para ver e ouvidos para escutar,
logo se convence de que os mortais não são capazes
de esconder segredo algum. Quem silencia com os
lábios, fala com a ponta dos dedos...”

Análise fragmentária de uma histeria.
Sigmund Freud (1904).

Resumo

Levando em consideração o uso das novas formas de comunicação e interação social via internet, objetiva-se explorar de que maneira alguns aspectos da virtualização participam das experiências de subjetivação e das trocas no âmbito relacional dos indivíduos. A partir da teoria psicanalítica, elegemos o Eu e seus componentes inconscientes, como as instâncias ideais e o sentimento de si, como objetos de nossa investigação. Realizamos uma revisão sócio-histórica das formas modernas de subjetivação na cultura ocidental em paralelo com as transformações dos meios de comunicação, demonstrando a ascensão de uma subjetividade individualizada e suas circulações nas esferas pública e privada. Em seguida, partimos da noção psicanalítica do Eu e seus desdobramentos na obra freudiana, destacando a teoria do narcisismo como nossa base de investigação, que permitiu localizar a relevância do outro para o percurso das identificações, atestando a importância da articulação entre os campos individual e coletivo. Por fim, discutimos acerca do encontro do Eu com o fascínio do mundo virtual, a partir de pesquisas atuais apoiadas em recortes culturais e fragmentos clínicos. A partir disso, foi possível constatar que alguns atributos do ciberespaço podem eventualmente incidir no que é primitivo do Eu, resgatando o fundamental de sua constituição: o registro narcísico.

Palavras-Chave: Eu, narcisismo, psicanálise, virtualidade, internet.

Resume

Taking into account the use of new forms of communication and social interaction via the internet, the objective is to explore how some aspects of virtualization participate in the experiences of subjectivation and exchanges in the relational sphere of individuals. Based on psychoanalytic theory, we choose the self and its unconscious components, as the ideal instances and the sense of self, as objects of our investigation. We conducted a socio-historical review of modern forms of subjectivation in Western culture in parallel with the transformations of the media, demonstrating the rise of individualized subjectivity and its circulation in the public and private spheres. Then, we start from the psychoanalytic notion of the self and its developments in Freud's work, highlighting the theory of narcissism as the foundation of our research, which allowed us to locate the relevance of the other to the path of identifications, attesting to the importance of articulation between the individual and collective. Finally, we discuss the meeting between the self and the fascination of the virtual world, based on current research supported by cultural and clinical cuts. From this, it was possible to verify that some attributes of cyberspace can eventually affect what is primitive of the self, rescuing the fundamental aspect of its constitution: the narcissistic register.

Keywords: Self, narcissism, psychoanalysis, virtuality, internet.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
Considerações sobre a metodologia.....	12
CAPÍTULO 1: TRANSFORMAÇÃO	16
1.1 O advento do eu moderno - Séculos XVII e XVIII	17
1.2 A realização do eu moderno - Séculos XIX e XX.....	23
1.3 O lugar do eu na sociedade globalizada.....	31
1.3.1 Internet e virtualização: um devir	36
CAPÍTULO 2: CONSTITUIÇÃO.....	43
2.1 Do eu sócio-histórico ao Eu psicanalítico.....	44
2.2 O narcisismo e o corpo sexualizado	50
2.3 As instâncias ideais	57
2.3.1 O Eu ideal	57
2.3.2 O sentimento de si.....	60
2.3.3 O ideal do Eu	63
2.4 Identificação e cultura.....	68
CAPÍTULO 3: VIRTUALIZAÇÃO	77
3.1 Os ideais da cibercultura.....	78
3.2 Reavendo o narcisismo	85
3.3 O <i>smartphone</i> deitou no divã.....	90
3.3.1 Um caso de ciúmes	92
3.3.2 Um caso de isolamento	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	107

Introdução

Algumas coisas são possíveis serem descritas sobre nós mesmos. Ao ser questionada, uma pessoa pode dizer a cor de seus olhos, sua profissão e sua cantora favorita. Quando continua a falar sobre si, uma pequena parcela do seu Eu também se apresenta. Com atributos ideais, ela se toma como objeto para que o outro desfrute de suas características, especialmente aquelas que ela deseja que o outro veja. Contudo, esbarra no limite da sua consciência acerca daquilo que desconhece, evidenciando que o que revela a seu respeito, diz muito mais sobre o que ela quer que outro saiba do que o que ela realmente sabe.

Esta pesquisa sucede da reflexão acima em torno das articulações entre o Eu e o outro, o indivíduo e a sociedade, naquilo que é possível se dizer em relação ao período que aqui chamamos de pós-moderno, sobretudo ao que se refere ao avanço das tecnologias virtuais e sua participação no cotidiano de relações das pessoas. Ancorados inicialmente na clínica psicanalítica, foram suscitadas questões acerca do relacionamento dos analisandos com o campo das tecnologias virtuais, em especial, as mídias sociais, e de como o uso de tais recursos suscita associações passíveis de elaboração no processo analítico.

Apresentamos uma investigação teórica que busca aprofundar alguns aspectos dessa relação dos sujeitos com o campo da virtualidade e, para isso, nos apoiamos na psicanálise freudiana para trabalhar com a noção de Eu que, de alguma forma, também se apresenta em outras áreas de estudo sobre a temática, sendo elas a sociologia, história e filosofia. No decorrer da pesquisa também percebemos a necessidade de delimitar alguns termos do campo tecnológico para que pudessem ser trabalhados como conceitos de forma apropriada.

O que norteia nosso estudo é uma análise do Eu pelo olhar da psicanálise, contudo, antes de adentrarmos nos seus desdobramentos nesse referencial teórico e articularmos com o

período que denominamos como pós-moderno, realizamos uma passagem histórica da concepção do eu a partir da Modernidade. Dessa forma, destacamos que o leitor irá se deparar com o termo “eu” escrito de duas maneiras diferentes. A grafia com letra minúscula (eu) comparece em nosso estudo ao longo do primeiro capítulo, o que representa uma noção sócio-histórica, distinta da adotada nos capítulos posteriores, quando o Eu (com letra maiúscula) ganha estatuto conceitual na psicanálise.

Ao longo de suas obras, Freud desenvolve sobre aspectos importantes para expansão do que podemos tentar compreender acerca do Eu enquanto uma unidade minimamente integrada. Uma virada importante na teorização freudiana expande a concepção do Eu que, com a inserção do narcisismo, revela sua íntima relação com o outro. A partir daí, torna-se marca do processo identificatório a relação com modelos ideais, internos e externos, que se apresentam ao Eu como balizas em seu processo de constituição. Ao falar sobre as instâncias ideais, Freud não se limita ao aspecto individual do Eu, mas também ao social, indicando que o ideal pode igualmente pertencer à família, a uma classe e/ou a uma nação. A articulação entre o individual e o social pertence a grande parte da obra freudiana, e é a ela que recorreremos ao longo de todo nosso estudo.

Ao nos referirmos ao social na atualidade, destacamos a evolução tecnológica como um marco importante para estudar as novas configurações de interação e comunicação entre as pessoas, levando em consideração especialmente em como essa conjuntura participa do processo subjetivo e da vida inconsciente do Eu. Demonstramos de que maneiras, inserido no grupo, mesmo que virtualmente, um indivíduo concilia as exigências de ordem cultural e as suas próprias advindas do mundo interno.

As mudanças decorrentes da evolução tecnológica é tema de pesquisa sobre o olhar de diferentes áreas do conhecimento. Em uma leitura sociológica, Hall (2006) descreve que o

avanço da globalização tornou as fronteiras mais flexíveis, o que permite conectar as pessoas em novas combinações temporais e espaciais, podendo levar a um descentramento do sujeito. Para o autor, isso indica que essa configuração do contexto atual pode influenciar na perda da estabilidade de um sentido de si e na fragmentação dos códigos culturais. Nessa mesma direção, Sibilia (2008) discute que vivemos em uma época marcada pela evolução tecnológica e mudanças nos processos de comunicação, o que impulsiona determinadas maneiras de ser e estar no mundo, provocando modificações na subjetividade e transformações na própria definição do 'eu'.

Para Lévy (2003) as evoluções culturais relacionadas à tecnologia que estão em andamento na atualidade se exprimem por um esforço de hominização, processo esse que se refere à busca constante de evolução da própria espécie humana. Numa vertente semelhante, o filósofo Lipovetsky (2009) afirma que a sofisticação das novas tecnologias é um índice correlato a um indivíduo estimulado à busca de performances profissionais, sociais e corporais que flertam com a perfeição.

Lévy (2003) avalia que o movimento global de virtualização afeta tanto o mundo do trabalho e as formas de comunicação e informação, como também os corpos, o espaço econômico e os costumes. Para o autor, as modalidades do 'estar junto' também são transformadas, atingindo até mesmo a constituição do 'nós'. Lévy (2010) reconhece que o desenvolvimento tecnológico provoca novos planos de existência nos modos de relação entre as pessoas, nas formas de aquisição de conhecimento e nos processos de aprendizagem e pensamento.

A partir desse contexto, demonstramos que as tecnologias virtuais têm participação significativa na cultura em diversos aspectos e, na clínica, ela comparece no discurso de analisandos como recurso para estabelecimento de relações interpessoais, marcando presença

em diferentes formas de subjetivação. Levando em consideração as novas formas de comunicação e interação social via internet, é nosso objetivo geral explorar de que maneira o uso de algumas ferramentas, em especial aquelas do mundo virtual, participa das experiências de subjetivação e das trocas no âmbito relacional dos indivíduos. Elegemos o Eu e seus componentes inconscientes, como as instâncias ideais e o sentimento de si, como objetos de nossa investigação.

Temos como objetivos específicos, realizar uma revisão sócio-histórica das formas modernas de subjetivação na cultura ocidental, em paralelo com as transformações dos meios de comunicação, demonstrando a ascensão de uma subjetividade individualizada e suas circulações nas esferas pública e privada. Em seguida, partimos da noção psicanalítica do Eu enquanto uma unidade concebida pela relação narcísica com outras pessoas que fornecem instâncias ideais ao indivíduo. Uma unidade versátil mediante trocas subjetivas, estando sua estabilidade sujeita à oscilação, de acordo com o campo das relações individuais e coletivas. A partir disso, discutimos acerca do encontro do Eu com o fascínio do mundo virtual, lugar onde pode resgatar eventualmente o que é fundamental de sua constituição: o registro narcísico.

Considerações sobre a metodologia

Sendo a clínica psicanalítica o princípio da nossa investigação, esperamos que o conteúdo dessa pesquisa a ela retorne. Tratando-se de uma temática atual que adentra o *setting* psicanalítico, acreditamos que esse trabalho poderá repercutir reflexões clínicas importantes aos profissionais ocupantes desse espaço. Consideramos necessário destacar que as reflexões provocadas nesse trabalho são frutos de uma pesquisa teórica a partir do olhar psicanalítico, portanto, conforme Silva e Rocha (2017), a tentativa de elucidação do conhecimento não se

dá por esgotada em um único estudo, pois a metodologia utilizada possui a intenção de expandir a compreensão a partir da construção de um método que lhe é próprio.

Ao recorrermos a outras áreas de conhecimento para além da psicanálise, atuamos com o que Mezan (2002) reconhece ser uma interdisciplinaridade importante para o estudo do fenômeno humano. Para o autor, a “psicanálise não tem a pretensão de ser a única disciplina capaz de falar sobre o homem, e seu objeto – o inconsciente, a realidade psíquica – se situa num plano tal que para abordá-lo é impossível descartar o que outros saberes têm a dizer” (p. 201). Ao utilizarmos a psicanálise enquanto método, investigamos “... por trás do consciente e do imediato, os aspectos inconscientes e as forças psíquicas que os envolvem e os determinam” (p. 201).

Quanto ao uso de material clínico, Dallazen et al. (2012) afirmam que a investigação psicanalítica no campo acadêmico deve ser guiada por uma ética própria à psicanálise. Demonstram a necessidade de uma metodologia fundamentada por alguns princípios norteadores, os quais selecionamos aqueles que nos orientaram ao longo do nosso estudo: 1) garantir a condição de sigilo a partir do uso de dados que sejam estritamente relevantes para a pesquisa, sem divulgar informações que possam identificar as pessoas atendidas; 2) Optar por casos que já tenham sido encerrados, com o objetivo de evitar que o interesse do analista/pesquisador interfira no processo de uma análise; 3) A utilização de fatos clínicos permite ilustrar algumas questões a serem exploradas na teoria e prática da psicanálise, portanto, é dispensável que se descreva um caso em profundidade e extensão, preservando assim uma possível exposição do analisando.

O texto psicanalítico, de acordo com Mezan (2010), é construído mediante um processo que vincula dialeticamente o plano argumentativo – onde são discutidas questões teóricas que tentam esclarecer alguns pontos que interessam para a pesquisa – e o narrativo –

através do relato de um caso ou de vinhetas clínicas. Para o autor, “a narrativa é uma história, enquanto o escrito teórico visa a explicar em termos de conceitos e hipóteses ...” (p. 86). Ele afirma que, partindo de uma etapa associativa, o escritor deve pensar numa arquitetura do texto que garanta uma sequência e coerência entre suas partes.

Ao longo de todo trabalho recorreremos a autores clássicos e atuais sobre as diferentes temáticas trabalhadas, no intuito de promover uma investigação bem articulada e com suporte em teorias consistentes. Para o alcance do nosso objetivo organizamos o trabalho em cinco partes, sendo esta introdução a primeira delas, sucedida de três capítulos e as considerações finais.¹

No primeiro capítulo investigamos acerca da configuração moderna e pós-moderna da sociedade ocidental e a participação da evolução da tecnologia nas formas de comunicação e interação. Fazemos uma breve passagem do século XVII ao XX para explorar o advento do eu na Modernidade e suas transformações nas esferas pública e privada. Chegando ao século XXI, é destacado o complexo fenômeno da globalização e um possível retorno aos ideais modernos os quais gravitam as formas atuais de subjetivação. Conceitos do campo da tecnologia são trabalhados nesse capítulo para que no terceiro sejam utilizados com critérios nele estabelecidos.

No segundo capítulo desenvolvemos acerca das primeiras anotações em torno das noções do Eu em psicanálise, revelando sua similaridade com a concepção do eu da era moderna. A seguir, partindo da teoria freudiana do narcisismo, destacamos o indispensável suporte do outro para a constituição do Eu. As instâncias ideais também marcam o indivíduo

¹ Uma versão sintetizada de todas as partes que constituem essa dissertação foi enviada, em formato de artigo, para a revista *Jornal de Psicanálise* (ISSN 0103-5835) em dezembro de 2019. O artigo denominado *Uma análise do Eu em tempos de virtualidade e isolamento: reflexões psicanalíticas* foi aceito para publicação em junho de 2020.

em sua subjetividade, pois conferem modelos para assistência do sentimento de si conforme os aspectos da cultura vigente. Por fim, demonstramos que a articulação do âmbito individual e social é fundamental para a compreensão dessa temática, ao passo que a dinâmica inconsciente presente na constituição do Eu, de certa forma, também comparece no grupo.

No último capítulo destacamos o comparecimento desses fenômenos na clínica psicanalítica e em estudos recentes sobre o assunto na cultura. Para tal, utilizamos recortes clínicos e culturais que auxiliam na investigação da temática. Ao se deparar com um contexto que valoriza a divulgação da intimidade, o registro narcísico do Eu é posto em cena. Ver e ser visto se revela como uma dinâmica substancial ao indivíduo imerso em laços sociais exclusivamente mediados pela tecnologia e que podem desembocar em relações narcísicas de objeto. Novamente em frente ao espelho, é nas imagens virtuais que o Eu revisita sua alienação primordial, o que faz ressoar seu passado inconsciente nas relações estabelecidas virtualmente em seu presente.

Capítulo 1: Transformação

O telefone celular é o equipamento mais utilizado para conexão com a internet em domicílios no Brasil, país em que 74,9% das residências possui acesso à rede (IBGE, 2017). A previsão para o ano de 2019 era de 235 milhões de *smartphones* ativos, o que representa mais de 1 aparelho por habitante (FGV, 2019). Dentre suas várias funções, esse dispositivo tecnológico possibilita acessar, em poucos toques, informações compartilhadas por diferentes pessoas em diversas localidades. Desde a Modernidade², o desenvolvimento dos mecanismos de comunicação impulsiona transformações nos limites de tempo e espaço, nos âmbitos público e privado e na própria ascensão da noção de eu. Esse capítulo é dedicado a explorar essas transformações, paralelamente à evolução da tecnologia e suas contribuições para as formas de subjetivação, destacando o surgimento da concepção do eu moderno numa visão histórica, sociológica e filosófica, até a chegada na Pós-Modernidade.

Ao nos referirmos acerca do período pós-moderno é importante destacar que não nos referimos simplesmente a um momento histórico consecutivo à Modernidade, que provavelmente possuiria uma composição qualitativamente mais desenvolvida. Autores como Santi (2003) e Lipovetsky (2004) concordam com a ideia de que o que configura o período pós-moderno já há muito se apresentava naquilo que constituía a Modernidade. A depender da área de conhecimento, o termo ‘Pós-Modernidade’ parece ter sido concebido em diferentes momentos nos Estados Unidos, no século XX. No campo da estética ele aparece após a década de 70, já na filosofia ele passa a ser reconhecido na década de 80 (Santi, 2003). São

² Ao longo do trabalho optamos por utilizar alguns termos, como ‘Modernidade’ e ‘Iluminismo’, com letra maiúscula a fim de categorizá-los como épocas históricas e/ou movimentos culturais. Muitos dos autores pesquisados também lançam mão dessa grafia (Elias, 2010; Hall, 2008; Santi, 2003; Sennet, 1988; Sibilia, 2008).

algumas mutações do período moderno que possibilitaram sua passagem ao momento atual, mutações essas ocorridas a partir da segunda metade do século XX (Lipovetsky, 2004). Dessa forma, para que possamos abordar questões relativas ao momento pós-moderno, é necessário retomar algumas questões importantes relacionadas ao período moderno que hoje ganham nova roupagem.

1.1 O advento do eu moderno - Séculos XVII e XVIII

Nas últimas décadas do período moderno, Freud (1921/2011) transmite que, ao falarmos do indivíduo e de sua vida psíquica é necessário sempre levarmos em consideração a participação do outro enquanto uma referência de modelo, objeto de amor, daquele que auxilia e que também pode se apresentar como adversário. Num sentido amplo, o autor afirma que *a priori* estaremos nos referindo à psicologia individual ao falarmos de psicologia social, pois raramente podemos pensar em um ser humano particular sem considerar suas relações com outros indivíduos. Entretanto, o próprio arranjo da individualidade e da noção de eu ganhou novos contornos a partir da Modernidade, e ainda continua se transformando na chamada Pós-Modernidade.

Como detalha Sibilia (2008), o que marcou o surgimento da Modernidade foi a delimitação mais clara do espaço público e privado, mediante mudanças nas cidades e na própria cultura. A autora descreve que, no ocidente, entre os séculos XVII e XVIII, começaram a aparecer ambientes mais confortáveis e silenciosos que permitiam o exercício da intimidade: os quartos privados. Nesse recinto pessoal e entre quatro paredes, apartado do âmbito público, tornou-se possível o desenvolvimento de um eu resguardado, onde foi concedida a permissão de autenticidade. Estar sozinho se revelou como um novo objeto de desejo, o que proporcionou aos indivíduos uma blindagem aos olhares alheios.

De acordo com Sennett (1988), aproximadamente no século XVII, a oposição dos termos ‘público’ e ‘privado’ ganhou um sentido similar ao que temos hoje. Nessa época, o termo ‘público’ significava “estar aberto à observação de qualquer pessoa”, enquanto o ‘privado’ remetia a uma “região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos” (p. 30). O autor demonstra que, no século XVIII, esses sentidos foram ampliados a partir da atitude dos burgueses que pareciam não mais se preocupar tanto em esconder suas origens sociais – que antes fora utilizada como estratégia de facilitação de intercâmbio com a corte. Ele afirma que o sentido moderno de ‘público’ passou a se referir a um hábito de viver na região pública separada da vida da família e dos amigos mais íntimos, um lugar onde pessoas desconhecidas podiam se encontrar regularmente.

Se de um lado temos as transformações do âmbito privado influenciando as moradias, conforme citado por Sibilía (2008), do outro, temos mudanças no interior das cidades, provocadas pela mutação do sentido público. Segundo Sennet (1988), no século XVIII o crescimento das cidades era acompanhado pela construção de lugares que possibilitavam o lazer e a reunião das pessoas, como parques urbanos, ruas adequadas para passeio de pedestres, além dos cafés e bares que se tornaram centros sociais. O autor avalia que cada vez mais as artes também passaram a se inserir no cotidiano das pessoas e, na Modernidade, o teatro e a ópera alcançaram um número maior de público em razão da venda aberta dos bilhetes.

Podemos considerar que as formas de subjetivação se distribuía entre a possibilidade de frequentar lugares com diferentes pessoas para o convívio social, e em paralelo, se resguardar em recinto residencial para o exercício da privacidade. Para Sennet (1988), o relacionamento com pessoas desconhecidas e fora do círculo social íntimo se configurava como fonte de investimento subjetivo, possibilitando que o “animal humano” (p. 33) se

transformasse em ser social. Dessa forma, “... enquanto o homem *se fazia* em público, *realizava* sua natureza no domínio privado, sobretudo em suas experiências dentro da família” (grifo no original, p. 33).

Um exemplo das transformações ocorridas na esfera pública se refere à maneira como circulavam as informações entre as pessoas. Muito antes da possibilidade de acessarmos no conforto de nossa casa e em tempo real os fatos ocorridos em diferentes localidades do mundo, era na esfera pública que as pessoas recebiam e compartilhavam informações entre si. Sennet (1988) relata que, em cidades como Londres e Paris, entre os séculos XVII e XVIII, os *coffehouse* se tornaram um ponto de encontro para conversas civilizadas e novas amizades. À volta de uma xícara de café, as pessoas experimentavam a sociabilidade em um local altamente romanceado. O autor considera que esse espaço ganhou estatuto de instituição que desempenhava, além da sociabilidade, a função de partilha de informações. Nos cafés, os jornais eram lidos e as pessoas podiam abordar qualquer assunto com quem estivesse por lá, conhecendo ou não seus frequentadores. Segundo o autor, era tamanha a importância da circulação de notícias que os proprietários londrinos de alguns cafés acabaram por editar e imprimir seus próprios jornais.

Conforme Santi (2003), com a separação mais clara dos espaços público e privado, as noções de ‘dentro-fora’ também ganharam novo estatuto. Para ele, o indivíduo teria passado de uma posição passiva em face da natureza e do divino, para uma interiorização da divindade, tendo como resultado uma subjetividade tomada como ativa, capaz de dominar a natureza e a si mesma. O autor afirma que o surgimento da Modernidade possuiu como marca o sentido de interioridade, pois, a partir disso, os critérios externos do que é bom para si começam a ser deixados de lado pelo indivíduo moderno e, assim, “o sujeito toma a si mesmo como objeto e substantiva o ‘eu’” (p. 43). Como marca do pensamento de Descartes, parte-se

desse princípio para pensar o indivíduo moderno como livre e autônomo perante o mundo, surgindo a possibilidade de ancorar-se em si mesmo para busca de referências.

O rumo a uma centralização do eu se constituía como elemento reflexivo do período moderno, como introduz Santi (2003), apoiando-se também numa noção de transcendência do eu. O autor relata que essa noção se traduzia como um novo posicionamento perante o mundo, possibilitando que o sujeito se colocasse diante dos objetos da natureza com aptidão para controlá-los e conhecê-los por completo, incluindo entre esses objetos o próprio eu. Em suma, ele descreve que, a Modernidade carregava origens do Humanismo Renascentista, a qual permitia a centralização do indivíduo frente ao mundo, com liberdade para se tornar o que quisesse.

Do domínio privado ao público, a cultura moderna era moldada pela idealização de uma subjetividade individual autônoma que, por sua vez, também contribuía para a modelagem do cenário cultural vigente. Com o aumento do interesse pelo teatro, configuravam-se novos modelos de interação entre a plateia e os artistas durante as peças. Sennet (1988) declara ter ocorrido a construção simbólica de uma ponte entre o que era interpretado nos palcos do teatro e nas ruas. Em meados do século XVIII, conforme o autor, os atores eram orientados a realizar suas apresentações atentos às reações do público, que não eram meros espectadores. Relata que as pessoas da plateia, em especial aquelas dos camarotes, podiam gritar e assoviar para os artistas solicitando repetição das cenas quando estas as agradavam.

Como expõe Sennet (1988), os discursos que se moldaram entre as pessoas da plateia e os artistas durante as peças foram transportados para as ruas quase na mesma disposição. A geografia do 'estar em público' ganhava nova configuração à medida que se delineava uma divisão entre o privado e o natural, e do outro lado, o público e o convencional. Nos famosos

cafés, na virada do século XVIII, o fluxo da conversa era arquitetado de maneira a permitir a construção de uma ficção que sustentasse a relação entre os estranhos. Conforme o autor, essa ficção se referia, por exemplo, a manter um tom de voz e elocução que camuflassem os próprios sentimentos ou a posição social.

Essa construção da ficção do eu moderno também é apontada por Sibilía (2008), ao descrever características de um movimento de busca generalizada do âmbito privado em diferentes formas de subjetivação, em especial, apoiadas na literatura. De acordo com a autora, esse período se tornou fértil para a produção da escrita de si, estilo marcado pela característica confessional e intimista. Homens, mulheres e crianças podiam mergulhar em sua vida interior, em busca de uma autenticidade do próprio eu, “imbuídos tanto pelo espírito iluminista de conhecimento racional do que se era quanto pelo ímpeto romântico de mergulho nos mistérios mais insondáveis da alma” (p. 64).

Acompanhando o crescimento de produção dos diários íntimos, a literatura de ficção romântica também se expandia, ocupando as páginas e o público. As subjetividades foram influenciadas fortemente pelos personagens que se transbordavam da ficção para o campo das identificações de seus leitores (Sibilía, 2008). Contudo, a autora afirma que essas experiências denunciavam a fragilidade de um eu moderno dito soberano e racional. Sustentando esse argumento, a autora cita um trágico fato histórico ocorrido em meados do século XVIII com a publicação do romance “Os sofrimentos do jovem Werther”, de Goethe. A partir de possíveis identificações com os personagens, teria ocorrido uma onda de suicídios pela Europa, provavelmente relacionada às vivências de amores não correspondidos. Próximas aos corpos, eram encontradas cartas com declarações apaixonadas, semelhantes ao romance ficcional.

A ascensão do eu individualizado, racional e estável revelava-se como um paradigma desde os primórdios da Modernidade. A ideia de que as pessoas podiam deliberadamente

escolher sua identidade na dualidade das esferas pública e privada crescia na mesma medida que as críticas em relação a ela. Santi (2003) recorre à Montaigne e Freud – autores que viveram nos extremos opostos da Modernidade, sendo o primeiro do século XVI e o segundo entre o XIX e o XX – para demonstrar que o projeto da Modernidade carregava elementos intrínsecos de crítica ao eu. O autor propõe uma reavaliação do período moderno como um projeto que supostamente tenha fracassado, pois foi constituído em um movimento contínuo de construção e desconstrução dos próprios ideais. Nessa direção, é posto a se pensar que a afirmação do eu moderno já apresentava a presença de uma crítica a ele mesmo. O autor afirma:

Numa primeira perspectiva, *a crítica ao eu pode ser pensada como denúncia daquilo que a Modernidade exclui*: a relação com o corpo, com a alteridade, nossa não-identidade ao longo do tempo, nossa condição mortal, a impossibilidade de controle sobre os acontecimentos, etc. A disposição do eu como fundamento metafísico na Modernidade faz com que sua crítica possa ser pensada, quer como crítica ao eu em favor de algum outro fundamento – como Deus ou a natureza – quer como crítica à própria Metafísica (grifo no original, p. 19).

Discorrendo sobre esse fato, em sua leitura de Nietzsche, Santi (2003) reflete que o filósofo moderno faria uma denúncia a pretensão do eu em transcender o mundo e o próprio corpo. Ele afirma que, opondo-se à tradição cartesiana, o filósofo possibilita uma debilidade da ideia de que a subjetividade tivesse alguma coesão precisa. No sentido nietzschiano, o autor considera não existir um sujeito implícito, fruto da razão e da objetividade, afirmando que “o eu é uma ficção, ainda que necessária ...” (p. 57). Santi (2003) sustenta que a psicanálise freudiana também contribui para a crítica do eu moderno e de sua soberania. O autor destaca que ao incluir o campo inconsciente em seus fundamentos, Freud demonstra que o Eu possui limites em relação ao seu poder de autonomia em sua própria casa – a psiquê.

Concluindo essa seção, consideramos importante destacar que o projeto moderno que tentou, fracassadamente, eleger um eu estável, racional e transcendente, continuou de certa

forma a se propagar até a Pós-Modernidade, mas não sem encontrar entraves diversos com a incidência das novas formas de comunicação e, posteriormente, com o complexo fenômeno da globalização.

1.2 A realização do eu moderno - Séculos XIX e XX

Antes de adentrarmos nosso estudo naquilo que configura o período pós-moderno, consideramos importante destacar algumas mudanças no cenário ocidental advindas de eixos que são, de acordo com os autores pesquisados, elementares para a compreensão de tais mudanças, em especial aquelas ocorridas entre os séculos XIX e meados do século XX. Conforme Lipovetsky (2004), alguns elementos que vão se colocando em cena, entre os anos de 1880 a 1950, ajudam a explicar a mutação da Modernidade. Entre esses elementos o autor destaca o aumento da produção industrial em paralelo com o progresso dos meios de transporte e de comunicação e, posteriormente, a emergência de estratégias comerciais que definem o capitalismo moderno, como o marketing e a publicidade.

Consonante com essas ideias, Sennet (1988) sustenta que o século XIX foi marcado por mudanças nos meios de produção em massa e no campo da comunicação que, por sua vez, influenciaram as atitudes das pessoas no domínio público. O autor realiza uma análise do impacto do aperfeiçoamento na produção de roupas e acessórios que, em meados do ano de 1825, começam a ser confeccionados em máquinas que permitiam uma distribuição significativamente mais abrangente. Mais adiante, a disseminação da moda também foi impulsionada pelo avanço dos recursos comunicacionais. Nos anos de 1840, de acordo com o autor, houve uma circulação vigorosa de jornais, o que favoreceu o objetivo dos compradores em saber o que comprar, sem dependerem do contato direto com vendedores.

Em virtude da produção em massa e da abrangência da comunicação, Sennet (1988) sustenta que a padronização dos produtos e sua propagação colaboraram com transformações na esfera pública. Descreve que as aparições em público, principalmente nas grandes cidades, passam a se revelar por um interesse pelo anonimato e, por conseguinte, pelo pertencimento à massa. Quase como uma ordem imediata, afirma o autor, as pessoas optavam por um estilo de se vestir que transmitisse neutralidade, evitando se fazerem notar sob qualquer aspecto. A sofisticação do vestuário era designada por uma aparência em tom monocromático, o que significava uma necessidade em aprender como passar despercebido publicamente:

Os cosmopolitas, de aparência mais opaca, tendiam, mais do que seus opostos provincianos, a usar roupas como símbolos psicológicos. A contradição de suas vidas em público estava em que queriam se proteger contra a atenção individual, e as máquinas lhes forneciam os meios para fazê-los; ainda assim, analisavam as aparências das outras pessoas, igualmente protegidas contra a revelação de pistas dos estados de sentimento pessoal. (Sennet, 1988, p. 207)

O eu em público fora personalizado no intuito de se manter protegido, podendo assim, se misturar na multidão. Porém, não se restringia aos vestuários a maneira de como o eu era personalizado. Conforme Martin-Fugier (1999), esse foi um período fértil para a produção de manuais de conduta que descreviam os papéis a serem exercidos pelas pessoas, sobretudo pelas mulheres, dentro e fora de casa. Segundo esses códigos de civilidade, ao frequentar uma peça de teatro sozinha, uma dama precisava ocupar um lugar no camarote. Para a autora, esse espaço representava proteção e privacidade, onde outra trama se transcorria para além do espetáculo. Evitando incidir sobre si mesma a suspeita de ser uma ‘mulher pública’, diz a autora, a solução era a de alugar um camarote para que pudesse receber ali seus amigos com a mesma etiqueta com que os recebia em casa.

Em contrapartida, Sennet (1988) analisa que os palcos do teatro começam a manifestar aquilo que nas ruas não era permitido. Para o autor, a ficção do eu em público – escondido atrás de vestimentas e costumes padronizados – não era mais admissível na arte teatral.

Afirma que a audiência dos espetáculos exigia que, ao menos nos palcos, uma pessoa pudesse se deparar com aparições críveis o que, em outras palavras, significava que os atores precisavam interpretar cada personagem com atenção aos gestos e movimentos para que esses representassem pessoas genuínas.

Conforme os autores citados, podemos avaliar que, na metade do século XIX as cidades europeias cosmopolitas configuravam-se como um mundo de aparências físicas que se constituíam publicamente em torno de uma grande ficção generalizada. Diante disso, o domínio público foi influenciado por novos termos da relação entre os palcos e as ruas que, por sua vez, modificaram a relação entre o público e o privado. No desfecho de sua avaliação desses aspectos, Sennet (1988) afirma que “... a relação entre a plateia e essa forma de arte começou a se tornar uma relação de dependência. O teatro estava fazendo por elas aquilo que na moderna capital elas não poderiam fazer por si mesmas” (p. 221).

Em paralelo ao contexto público, a teatralidade também se fazia presente transformando o cenário privado. Na exposição de Martin-Fugier (1999) sobre os elementos em transformação na Modernidade, em meados do século XIX, é possível perceber que a personalização do eu não se restringia apenas as aparições públicas. Dentro do lar, lugar de exercício da privacidade, algumas condutas diferenciavam os atores ocupantes desse cenário. A autora reconhece ter ocorrido um movimento de idealização desse ambiente íntimo e, concomitantemente ao que se esperava da “personagem da senhora do lar” (p. 201). Ela demonstra que essa personagem era impelida a manter o ambiente harmônico, como um ninho de refúgio da vida pública para o marido. Como numa peça de teatro, os bastidores precisavam se manter fora de vista, uma vez que era esperado que os esforços empregados para obter a perfeição fossem ocultos.

A privacidade do lar, afirma Martin-Fugier (1999), também era um espaço de sociabilidade entre familiares e amigos mais íntimos. As reuniões domiciliares permitiam que o entretenimento fizesse parte do modo da vida privada burguesa, sendo enfatizado o amadorismo como forma de divertimento. Aqueles que se dedicavam ao talento musical, ensaiavam durante a semana e tocavam para os parentes e amigos aos domingos. Além da música, o teatro novamente marca presença no lazer para se associar às formas modernas de subjetivação. Entre as crianças, pequenas peças teatrais eram encenadas. Já os adultos preferiam os jogos de mímicas e charadas (Martin-Fugier, 1999).

Ainda no estudo de Martin-Fugier (1999) é possível verificar que as festas em família, os serões com amigos, os casamentos, a chegada de um filho, enfim, muitas das experiências ocorridas na esfera privada, ocupavam as páginas dos diários íntimos e das correspondências em escala cada vez maior. Ela apresenta que, com a invenção da fotografia em 1836 e posteriormente o seu desenvolvimento a partir de 1850, torna-se possível a prática dos registros com algumas peculiaridades presente até os dias atuais. Como numa espécie de *Facebook* da era moderna, era comum que as pessoas se dedicassem na escrita e na reunião de informações pessoais em um livro em que se objetivava ritmar a passagem do tempo. Esse livro de cabeceira, afirma a autora, marcava tanto um passado de acontecimentos da vida privada, quanto um futuro de sonhos a serem realizados.

A relação com os registros pessoais, sejam eles escritos ou fotografados, crescem e influenciam cada vez mais a noção do eu nas esferas pública e privada. Na investigação histórica de Corbin (1999) são ilustrados diversos exemplos de elementos do século XIX que contribuem como um fio condutor para um reforço do sentimento do eu e do desejo da individualização. O autor avalia que, à medida que as técnicas de fotografia avançam e seus custos diminuem, o alcance de público aumenta, o que permitiu a popularidade dos retratos

personais e do álbum de família. Combinado com esse fator, o número de correspondências que incluíam fotos também aumentou. Em torno do ano de 1900, a circulação do correio expediu cerca de 8 milhões de cartões postais, o que permitiu a distribuição em série de imagens pessoais.

A era moderna protagonizou um movimento que se estenderia em épocas futuras. Benjamin (1987) explora como as obras de arte tenderam a um processo cada vez maior de reprodutibilidade a partir do desenvolvimento dos recursos tecnológicos. Ele demonstra que com o avanço da fotografia, o artista é liberado de habilidades manuais, como a pintura e a litografia, para dedicar-se à perspicácia do olhar. Dessa forma, “como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral” (p. 167).

A relação com o tempo e o espaço parece ter ganho novo estatuto com a evolução de tais recursos para fins de registro pessoal e de comunicação entre as pessoas. Para Martin-Fugier (1999), o envio das fotos se tornou uma prática social com o objetivo de fornecer um testemunho da rede de relações. A autora avalia que as fotos tinham a finalidade de preservar instantes e, dessa forma, parentes remotos podiam acompanhar a evolução da família extensa em seus registros de casamentos, nascimentos e batismos. Benjamin (1987) julga essas atitudes como uma preocupação das massas modernas em fazer com que as coisas ficassem mais próximas, como uma necessidade de possuir o objeto a partir da imagem. Para Corbin (1999), além da função de recordação, as fotos acendiam o sentimento de nostalgia:

Pela primeira vez, a maior parte da população tem a possibilidade de representar antepassados desaparecidos e parentes desconhecidos. A juventude dos ascendentes com quem se convive no dia-a-dia torna-se perceptível. Opera-se no mesmo processo uma mudança nas referências da memória familiar. De uma maneira geral, a posse simbólica de outra pessoa tende a canalizar os fluxos sentimentais, valoriza a relação visual em detrimento da relação orgânica, modifica as condições psicológicas da ausência. (p. 426)

Com o avanço das técnicas de registros fotográficos a contemplação da imagem do eu caminha para uma prática que cede espaço cada vez maior para a ascensão narcísica na Modernidade. Na análise de Corbin (1999) é possível perceber que a difusão social do retrato sugeria uma função relacionada a um esforço do eu privado em demonstrar sua existência pública. Ele afirma que essa prática era acompanhada de um empenho em conservar aspectos individuais carregados de ideais. Os fotógrafos, agora espalhados pelas cidades, incentivavam poses heroicas e estimulavam a teatralização de gestos e expressões faciais. O autor descreve que, com o avanço da tecnologia de captura de imagens, subsequente à metade do século XIX, surgem possibilidades de retoques nas fotografias; manchas, rugas e verrugas desaparecem, dando espaço para o desejo de idealização das aparências e, com isso, novos códigos de beleza.

Para Corbin (1999), nessa época são fornecidos diversos sinais de um eu narcísico que supervaloriza sua vaidade, não só vinculada à imagem corporal, mas também à imagem social. Corbin (1999) avalia ter ocorrido uma democratização da pose de herói, que era expressa desde a importância dada aos rituais de distribuição de prêmios até ao prestígio dos diplomas que se penduram nas paredes. A investigação filosófica de Lipovetsky (2009), em seu livro “A Era do Vazio”, denota conformidade com o cenário descrito. Segundo este autor, a cultura moderna, entre a segunda metade do século XIX e do século XX, torna-se uma cultura da personalidade, em que o eu ocupa o seu centro.

Lipovetsky (2009) parte de uma análise da expressão artística moderna para demonstrar que a cultura ocidental identificar-se-ia com valores vinculados a uma exaltação do eu, predominando aspectos da autenticidade e do prazer. O autor destaca que os inovadores artísticos desse período passam a priorizar criações inéditas, negando a tradição e privilegiando o culto à novidade e à mudança. Ele afirma que “o estilo da vida moderna

resulta não só das transformações de sensibilidade impulsionadas pelos artistas desde há mais de um século, mas, mais profundamente ainda, pelas transformações do capitalismo desde há sessenta anos” (p. 80). Para Lipovetsky (2009), o modernismo e o consumo em massa configuram as sociedades americanas e europeias, que passam a circular em torno da devoção ao consumo, ao tempo livre e ao prazer. Completa dizendo ter se instalado uma cultura que se destaca por sua primazia à realização do eu, espontaneidade e fruição pessoal.

Um dos fatores elegidos por Lipovetsky (2009) que estaria relacionado a uma cultura moderna hedonista é a evolução dos meios de comunicação em massa. Sobre esse aspecto, Prost (1992) mostra que o avanço da publicidade contribuiu para as propostas modernas acerca das novidades e do prazer ligado à renúncia do antigo. O autor aponta que a publicidade:

Ora jogava com o desejo de modernidade, desacreditando o antigo enquanto tal (‘Isso não se faz mais, é coisa velha’), ora legitimava o desejo (‘Permita-se esse prazer’) ou valorizava a independência e a recusa das imposições sociais (‘Faço o que quero...’) (p. 148).

Na análise de Prost (1992), a publicidade se destaca por sua influência, mesmo que de maneira discreta, na modelagem da vida cotidiana moderna, uniformizando os gostos e interesses. O universo da vida privada também “é invadido de todos os lados por uma publicidade que, junto com os objetos de consumo, veicula um novo modo de vida e talvez uma ética” (p. 148). É provável que esse cenário tenha sido possível a partir do aperfeiçoamento das ferramentas de comunicação e das formas de disseminação de informações, sejam elas políticas, comerciais ou de entretenimento. Ele demonstra que, em aproximadamente 70 anos as ferramentas de comunicação modificaram a forma como se transmitiam informações a ponto de influenciar a vida privada, constituindo-se uma mutação social de importância significativa.

Prost (1992) descreve que, no início do século XX, as pessoas no ambiente doméstico adquiriam a opinião pública basicamente de uma única forma. Afirma que a impressão e distribuição de jornais protagonizava as formas de comunicação nesse período, todavia, em termos globais, a imprensa era acima de tudo enraizada no ambiente imediato dos leitores, sendo puramente local. A partir de 1920 um forte concorrente confronta a imprensa. O aparelho de rádio e as estações se desenvolvem chegando aos lares, ocupando as salas de jantar e reunindo as pessoas em volta dele. Prost (1992) avalia que a partir do desenvolvimento dessa ferramenta, é notável seu impacto sobre as redes de relações entre as pessoas. O autor demonstra que em pouco mais de 20 anos, os rádios que tinham a possibilidade de reunir pessoas à mesa do jantar, a partir de 1964, com a invenção do transistor portátil, isolam os indivíduos que objetivavam guardar para si as escolhas do que escutar em seus primeiros modelos de *walkmans*.

É chegada a vez do império da transmissão de conteúdos audiovisuais. Prost (1992) descreve que, na França, a televisão saltou da marca de 10% de ocupação nos lares, em 1959, para 82% em 1974. Para o autor, muito além de ter ocorrido uma troca dos meios de comunicação, há uma transformação na própria função da informação. Ele defende que a comunicação substitui a informação, possibilitando um despertar das identificações ao apelar para os sentimentos de seus espectadores selecionados e, assim, “ela dissolve as fronteiras do privado e do público” (p. 149).

Com a otimização dos instrumentos de comunicação, o espaço ocupado pela informação midiática na vida cotidiana ajuda a marcar a passagem da Modernidade à Pós-Modernidade, entretanto, com um limite que não é tão claramente estabelecido. Lipovetsky (2004) afirma que a expressão ‘pós-moderno’ é ambígua e vaga, pois pode passar uma ideia de que um novo gênero do que caracteriza o período moderno viria a ser superado. Santi

(2003) irá nessa direção ao avaliar que boa parte dos elementos que constituem a Pós-Modernidade também são atribuídos àquilo que define a própria Modernidade.

A partir dos autores pesquisados e citados nas primeiras seções desse capítulo, é possível perceber que o advento do eu na Modernidade é caracterizado por uma dúbia relação entre as esferas pública e privada que expressa um ideal estável de identidade, ao mesmo tempo em que se confronta com desejos da ordem de uma privacidade e do prazer em se adequar publicamente, sem perder de vista as possibilidades de fruição pessoal. Como visto, as ferramentas de comunicação que se desenvolveram possuíam a função de registro de acontecimentos pessoais em paralelo com a ascensão da publicidade e do consumo em massa, deixando efeitos para as formas pós-modernas de subjetivação com a chegada do século XXI.

1.3 O lugar do eu na sociedade globalizada

Nos segmentos anteriores, dedicamos uma análise do contexto moderno ao que se refere às formas de subjetivação que, em suma, apresentam algumas transformações dos limites entre as esferas pública e privada em um movimento dinâmico das ações entre indivíduo e sociedade, demonstrando que as mudanças culturais coadunam com as modificações ocorridas em campos como a arte, a comunicação e o consumo. A mutação do período moderno não deve ser vista como linear, pois como apontado, seu projeto carrega heranças até a chamada Pós-modernidade.

Santos (1998), em seu livro “O que é Pós-Moderno”, desenvolve que o modernismo teria se encerrado por volta do ano de 1950, a partir de mudanças nas ciências, nas artes e nas sociedades. Entretanto, em conformidade com os autores pesquisados, este autor também reconhece que “no fundo, o pós-modernismo é um fantasma que passeia por castelos modernos” (p. 18), como uma entidade sem definição precisa, inacabada e que mistura

diversas tendências e estilos. De toda forma, ele descreve que a condição do indivíduo pós-moderno carrega algumas peculiaridades importantes de apreciação. O autor destaca a evolução da tecnociência como um elemento que provoca efeitos no cotidiano, afirmando que “entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação. Eles não nos informam sobre o mundo; eles o refazem à sua maneira, hiper-realizam o mundo, transformando-o num espetáculo” (p. 13).

O indivíduo inserido na conjuntura atual, para Santos (1998), acaba por se submeter a um bombardeio de informações que carregam importantes efeitos socioculturais e políticos, mas com uma característica fragmentada e aleatória, como um show de estímulos desconexos, capazes de influenciar, por exemplo, atitudes de consumo personalizadas. Contudo, consideramos que caracterizar o indivíduo separado da sociedade, como estando à mercê dos poderes da publicidade, pode soar como reducionismo de um fenômeno que possui tamanha complexidade.

Elias (2010) caminha nessa direção ao desenvolver que a sociedade não se constitui enquanto uma unidade externa aos indivíduos, pois esses dois campos estão intimamente interligados, um não está fora do outro. Aquilo que se molda em uma pessoa, sua individualidade, não é algo passivo, cunhado por um agente externo de força superior. É a partir dessas concepções que o autor irá se referir a uma sociedade dos indivíduos, demonstrando que esses dois termos não são simples opostos, mas sim complementares. Ele afirma que o processo de individualização se altera conforme a configuração da sociedade e da época em questão. Um dos itens fundamentais para compreensão de como se configura uma sociedade é a forma de relação entre as pessoas. O autor toma como exemplo a conversa, uma maneira relativamente simples de relação humana, para pensar em como se desenvolvem as redes de relações e, portanto, a sociedade. O rumo tomado por uma conversa, a partir da

formação e transformações de ideias entre os interlocutores, não se explica singularmente pela influência de um ou de outro, e sim pela dinâmica da relação entre ambos.

Pensar a comunicação como um elemento que contribui para a formação de uma sociedade e, portanto, do indivíduo, é levar em consideração que as relações humanas produzem encontros e desencontros de ideias, convicções e afetos que podem penetrar naquilo que sentimos como sendo nossa vida íntima. Outrossim, o ser humano individual só pode ser concebido pois este também é agente dessa ordem incessante de entrelaçamentos. Dessa maneira, Elias (2010) afirma que a individualidade do adulto é tida com fundamento nas relações estabelecidas e a partir da estrutura da sociedade em que ele habita.

Assentindo com a noção de sociedade como uma entidade sem delimitações claras, Hall (2006) questiona a ideia da sociedade como uma totalidade que se constituiria através de mudanças a partir de si mesma. Todavia, o autor reconhece que a sociedade atual, desde o final do século XX, tem passado por transformações significativas que estão fragmentando as paisagens culturais, tornando os limites cada vez mais flexíveis e instáveis. A questão levantada pelo autor é de que essas mudanças atingem a própria concepção das identidades modernas, uma vez tidas, aparentemente estáveis, unificadas e racionais. Todavia, ele esclarece que essa mudança não deve ser vista de forma simplificada e, para isso, separa o sujeito moderno em três concepções: Iluminismo, sociológico e pós-moderno.

Hall (2006) resume que o sujeito do Iluminismo admitia a própria identidade como sendo o centro essencial do eu, dotado de potencial coerente e racional que permitia consciência sobre seus atos, individualizando-se do meio. É o que destaca Santi (2003) ao afirmar que esse movimento de introspecção cartesiano isola o eu do mundo externo, dando ao indivíduo moderno um poder de autonomia. Para Hall (2006), conforme as sociedades modernas avançavam, tornando-se mais complexas, elas promoviam uma disposição mais

coletiva e social, fazendo emergir o sujeito sociológico. De acordo com este autor, as transformações da segunda metade do século XX contribuíram para a visão de um sujeito constituído em torno das relações com outras pessoas, e com a própria sociedade, que mediavam valores e sentidos, participando do seu processo de identificação.

A terceira concepção descrita por Hall (2006) é a do sujeito pós-moderno. Participante de uma sociedade em que mudanças estruturais e institucionais ocorrem rapidamente, este sujeito se depara e alimenta transformações contínuas nos sistemas de representações culturais. O autor sustenta que a partir de uma multiplicidade cambiante de identidades possíveis, a noção da identidade moderna vista como plenamente unificada e coerente, anuncia-se apenas como uma fantasia. Ele ainda afirma que, as mudanças em curso no mundo pós-moderno enfatizam uma fragmentação, ruptura e deslocamento nos códigos culturais. Para Hall (2006) essas mudanças são favorecidas pelos avanços nas teorias sociais e nas ciências humanas – entre elas, a psicanálise freudiana – as quais contribuem para um descentramento do sujeito cartesiano. Outro fator que possui um papel fundamental nas mudanças e atualizações constantes nos sistemas de representações é o processo de globalização.

No que concerne ao fenômeno de globalização, Hall (2006) o reconhece como “um complexo de processos e forças de mudança” (p. 67) capazes de produzir novas características temporais e espaciais. Numa visão global, eventos ocorridos em um determinado lugar no mundo chegam até as pessoas situadas em lugares de significativas distâncias, podendo provocar impactos imediatos. Dessa forma, o autor afirma que:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. (grifos no original, p. 75)

As coordenadas de tempo e espaço pertencem, na análise de Hall (2006), a todos os sistemas de representações e, portanto, com as forças constantes de globalização, a flexibilidade dessas coordenadas pode influir sobre as identidades culturais, que parecem caminhar para uma lógica flutuante e efêmera. Lipovetsky (2004) avalia que esse movimento pode ter favorecido a emergência de um indivíduo instável, tendo poucos vínculos profundos, com grande oscilação de gostos e interesses. O autor afirma que a mídia globalizada se inseriu em um papel normatizador, e sua influência sobre o cotidiano não é algo insignificante.

Lipovetsky (2004) reconhece que o momento atual, a qual ele caracteriza de hipermoderno – uma espécie de Modernidade modernizada – não está mais arranjado em torno de normas sociais ligadas às instituições, como a família ou a Igreja. Para ele, atualmente esses referenciais estariam adaptando-se em torno da lógica do consumo, o que se traduz em uma sociedade fascinada, ao mesmo tempo pelo espetáculo e pelo supérfluo, caracterizada por um momento flexível e comunicacional. Todavia, o filósofo propõe uma avaliação otimista de que a mídia, apesar de sugestionar um ou outro comportamento do público, não possui o poder de imposição direta. Com um acesso cada vez mais diversificado de informações, o autor afirma ter surgido a possibilidade de construção de opiniões próprias acerca de um número cada vez maior de fenômenos. Para Hall (2006), a pluralidade de informações que circulam em escala global torna possível a observação de novas relações espaço-tempo e uma nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’, o que infere efeitos significativos em como as identidades são localizadas e representadas, pois “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos” (p. 71).

Como é possível perceber através dos autores citados, muitos avaliam que a evolução dos meios de comunicação é um índice fundamental para compreensão dos fenômenos de globalização e das transformações ocorridas em diversas esferas na sociedade pós-moderna,

na cultura e no advento e realização do eu a partir da Modernidade. Haja vista, torna-se necessário desenvolver acerca das principais características das formas atuais de comunicação para, posteriormente, analisar as articulações com a noção do Eu em psicanálise e a participação dessas ferramentas nas formas de subjetivação.

1.3.1 Internet e virtualização: um devir

A partir de um movimento coletivo de jovens em diferentes países, uma nova forma de comunicação é desenvolvida no século XX, capaz de alterar os planos econômico, político, cultural e humano (Lévy, 2010). Para Castells (2003), a história da criação da internet girou em torno de atitudes cooperativas e da liberdade de informação, fatores esses propícios à inovação e a superação de barreiras burocráticas advindas de valores institucionais, possibilitando uma nova modelagem do contexto.

A internet como conhecemos hoje, conforme o estudo de Castells (2003), provém de sua irrupção na década de 1990, com o desenvolvimento da *world wide web* (*www*). Todavia, é em meados da década de 1960 que encontramos suas origens. O autor descreve que, em 1958, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos mobilizou recursos de pesquisa no contexto universitário e militar. Uma de suas pretensões era a de obter tecnologia militar superior à União Soviética, com capacidade de suportar um eventual ataque nuclear. Contudo, um grupo de pesquisadores tinha como objetivo principal o desenvolvimento de uma rede interativa de computadores para o âmbito acadêmico e criaram a *Arpanet*, tendo como seu primeiro diretor um psicólogo, Joseph Licklider. Castells (2003) demonstra que, com o passar dos anos, a pesquisa acadêmica progrediu e, a partir da participação de diferentes cientistas da computação, foi desenvolvido um protocolo padronizado de comunicação em 1978, o TCP/IP, segundo o qual a internet continua operando atualmente.

Para Castells (2003), o desenvolvimento de toda essa tecnologia, apesar do pano de fundo militar, foi possível em virtude da cooperação entre estudantes e cientistas que buscavam inovação tecnológica instigados pelo prazer da descoberta. A longo prazo a cooperação aproximou cientistas e leigos no avanço tecnológico da internet que cultivavam e defendiam uma cultura criativa baseada na liberdade e gratuidade desses recursos comunicacionais. O autor relata que, a partir disso, começam a ser criadas as primeiras comunidades virtuais com valores capazes de moldar um determinado tipo de organização social. Na década de 1990, milhões de usuários contribuía para as inovações que permitiam a interação entre as pessoas conectadas. Um dos primeiros sistemas informáticos desse tipo foi o *Kinky Komputer*, orientado para a temática sexual entre os usuários. Paralelamente, outras redes comunitárias surgiam com o objetivo de difundir movimentos sociais de diversos assuntos, desde grupos ambientais e de preservação da paz mundial até grupos ideológicos extremistas, como o nazismo. Conforme Castells (2003), “o mundo social da Internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade” (p. 59).

A partir dos anos 80, de acordo com Lévy (2010), aos poucos a informática deixa de protagonizar o setor técnico e industrial para incorporar-se ao campo das telecomunicações, da editoração, do cinema e da televisão. O autor avalia que as tecnologias digitais, especialmente com a invenção do computador pessoal, passam a compor um novo espaço de comunicação e sociabilidade, assim como possibilitam o surgimento de um novo mercado da informação e do conhecimento. Todavia, o autor reflete que essas transformações não são tão inéditas, tendo em vista que a comunicação interativa já se apresentava como ideal de tradições antigas de comunicação recíproca e à distância: primeiramente com o correio e, posteriormente, com o telefone.

A novidade proporcionada pelo avanço da internet se refere ao incentivo de um modo de relacionamento um tanto independente de lugares geográficos e da esfera temporal. A interconexão mundial dos computadores, como sustenta Lévy (2010), instiga a pensar no surgimento de um ciberespaço – termo sinônimo de rede. Para o autor, “o termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (p. 17). Ademais, o autor propõe um novo termo, a cibercultura, como um neologismo que se refere ao “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p. 17).

A cibercultura, para Lévy (2010), estabelece a possibilidade de uma civilização interconectada, constituindo continuamente contatos humanos com fronteiras cada vez mais dissipadas. O autor descreve que a construção do laço social possibilitada pela cibercultura se expressa em torno dos processos abertos de colaboração, dos interesses em comum, do compartilhamento de ideias e saberes. Afirma que uma comunidade virtual desafia as coordenadas de tempo e espaço para construir um coletivo que se organiza em virtude de novos meios de comunicação desterritorializados e transversais.

Lévy (2010) reconhece que sua leitura de tais fenômenos é otimista e, a partir do seu estudo da cibercultura, procura destacar que inegavelmente vivemos um momento de expansão de um novo espaço de comunicação coletivamente alimentado e, portanto, considera necessária a exploração das potencialidades mais positivas deste espaço para os diversos âmbitos, como o econômico, cultural e humano. Por outro lado, o autor afirma que não pretende “dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja ‘bom’” (p. 12).

Numa direção oposta, Baudrillard (1991) já havia proposto que a ascensão virtual da comunicação tende a um processo de simulação da realidade, iniciando-se por um encerramento de todos os referenciais. Ele descreve um movimento de substituição dos signos do real, ou seja, que a cultura midiática reproduz uma realidade simulada produzindo uma hiper-realidade. O autor avalia que o processo atual de comunicação se alia a uma encenação exacerbada, provocando uma desestruturação do real.

Baudrillard (1991) exemplifica dizendo que o espaço terrestre foi virtualmente codificado desde os primórdios da cartografia e, nessa lógica, afirma que o mapa precede o território. Para este autor, a simulação como um elemento artificial, produz modelos virtuais que se sobressaem às coordenadas da realidade. Por outro lado, Lévy (2010) considera o virtual como uma dimensão muito importante da realidade, recusando a oposição entre virtual e real. As leituras desses autores são pertinentes ao nosso estudo, à medida que provocam uma crítica de um fenômeno que se caracteriza por transformações contínuas e, em alguns momentos, paradoxais.

Lévy (2003) sustenta que o campo virtual é comumente empregado como significado de irrealidade, ou seja, sem uma efetivação material ou uma presença tangível. Contudo, o autor procura demonstrar, a partir da etimologia da palavra ‘virtual’, que no original seu sentido é outro. A origem da palavra está no latim medieval *virtualis*, derivado de *virtus*, que se refere à força, potência. Numa vertente filosófica, o virtual é aquilo que existe não em ato, mas em potência. Ilustrando essa concepção, Lévy (2010) descreve que uma árvore já está virtualmente presente em uma semente e, nessa lógica, “o virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal” (p. 47). O autor continua:

Em geral acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois

modos diferentes de realidade. Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja, ainda, atual). (p. 47)

O trecho acima sinaliza que o virtual existe sem estar presente, sem ainda ter sofrido uma atualização, não dependendo diretamente de coordenadas espaço-temporais. Para Lévy (2010) a característica principal do campo virtual é a desterritorialização, um movimento tecnológico já iniciado em outras formas de comunicação anteriores, como a escrita, o rádio, a televisão e o telefone. Contudo, com a expansão do ciberespaço o movimento geral de virtualização é acelerado, possibilitando um devir perpétuo, uma infinidade de atualizações. Para H. Elias (2008) “quem navega no ciberespaço dá-se conta seriamente de sua estrutura labiríntica, porque é fácil consultar algo, mas sair é sempre complicado, porque atrás do que queremos aparecem sempre mais coisas interessantes” (p. 47).

O movimento de virtualização pode abrir a discussão sobre a decadência da importância da presença, o que poderia modificar a noção do ‘estar junto’. Lévy (2003) pergunta se teria ocorrido uma substituição da mobilidade física em decorrência do aperfeiçoamento dos meios de comunicação. Respondendo a própria pergunta, o autor diz que não, demonstrando que atualmente o turismo é a indústria mundial em primeiro lugar em volume de negócios. Para ele, o progresso dos transportes e o aumento da comunicação anunciam um movimento equivalente de virtualização da sociedade.

Castells (2003) avalia que algumas reportagens na mídia por vezes afirmam que a disseminação da internet conduz ao isolamento social, o que culminaria num momento histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade. Contudo, a partir de um vasto corpo de dados, o autor demonstra que, em geral, o uso da internet não incita uma sociabilidade declinante, pelo contrário, o uso pode aumentar a interação social tanto *on-line* quanto *off-line*. Por outro lado, alguns indícios revelam que sob certas circunstâncias, o uso da internet substitui outras atividades como os serviços domésticos, o cuidado com a família ou o

sono. Por fim, o autor formula que um novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo tende a surgir com a influência da internet sobre as relações sociais. Afirma que, cada vez mais, as pessoas estão se organizando em redes sociais mediadas pela tecnologia virtual, pela internet sem fio e pelos celulares. O autor reconhece que “a prática do individualismo em rede pode estar redefinindo as fronteiras e o significado de instituições tradicionais de sociabilidade, como a família” (p .136).

Como apontam os autores, com mais de 50 anos em desenvolvimento a internet passou e continua passando por rápidos avanços que possuem um potencial de transformação em escala global no campo das comunicações. Os dados apresentados nessa subseção demonstram que essas mudanças decorrem de um processo já iniciado por outras tecnologias de comunicação, todavia, com capacidade superior de modelar as coordenadas de tempo e espaço e flexibilizar as fronteiras. Quando a sociedade em rede, ao alimentar o ciberespaço, amplifica as possibilidades de conexão entre seus usuários, são suscitadas indagações acerca das práticas de sociabilidade que se desenvolvem a partir disso. É possível verificar que a cibercultura é forjada numa prática ambígua de colaboração e de individualismo concomitantes.

Nesse capítulo abordamos a evolução da Modernidade em relação a noção de eu que ganha estatuto cada vez mais individualizado com as mudanças nas formas de subjetivação, em especial aquelas relacionadas a comunicação e relação entre as pessoas. Desafiar as coordenadas de tempo e espaço demonstra-se como um ideal moderno que se estendeu até a Pós-Modernidade e, inevitavelmente, possibilitou transformações nas esferas pública e privada. No próximo capítulo abordamos a concepção psicanalítica do Eu, com letra maiúscula, o que representa um novo estatuto da palavra, agora em termos conceituais. Demonstramos que a evolução da noção de Eu em Freud caminha entre os ideais modernos de

racionalidade e estabilidade para uma concepção de entrelaçamento entre indivíduo e sociedade. A partir da teoria freudiana do narcisismo, apontamos a necessidade do outro para a constituição e unidade, aparentemente, estável do Eu, o que possibilita um devir de identificações ancoradas nos ideais culturais vigentes e nos processos psíquicos inconscientes.

Capítulo 2: Constituição

O capítulo anterior foi finalizado com uma análise do momento pós-moderno acerca da evolução dos meios tecnológicos de comunicação, em especial, dos recursos virtuais conectados à rede e seu interlaço com a cultura. Em 1930, próximo ao que os autores consideram ter sido o fim da Modernidade, Freud já apontava indicações acerca de sua concepção sobre a evolução tecnológica e sua função para humanidade. Em *O mal-estar na civilização*, o autor reflete que o desenvolvimento técnico e científico, representado pela otimização dos instrumentos, é realizado com o objetivo de aperfeiçoamento dos órgãos do sentido e de outras faculdades mentais. O domínio dessa tecnologia, diz Freud (1930/2010), aponta para a tentativa de aproximação de um ideal que antes fora depositado em figuras divinas.

Mesmo com o avanço da ciência e da técnica, Freud (1930/2010) demonstra a impossibilidade de dominarmos completamente a natureza e o nosso próprio organismo, sendo este parte constituinte da natureza. Em sua formulação, estaríamos sempre limitados em desempenho e realização, pois esbarrarmos nas três fontes que provém o nosso sofrer e dificultam a felicidade: “a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade” (p. 43). A constituição dual da espécie humana, como social e biológica, se apresenta fundamental para a exploração do conceito de Eu³ e seus desdobramentos na psicanálise freudiana, a qual dedicamos esse capítulo. Objetivamos uma breve revisão conceitual desde o início das obras de Freud para, em seguida, realizar um aprofundamento da

³ Para o nosso trabalho o uso do ‘Eu’, com letra maiúscula, representa um estatuto conceitual na psicanálise. A partir desse capítulo o termo em inglês ‘ego’ e o ‘eu’ com letra minúscula, são utilizados apenas em citações diretas.

teoria do narcisismo como base de análise do nosso objeto de estudo: o Eu e seus componentes inconscientes.

2.1 Do eu sócio-histórico ao Eu psicanalítico

A noção do Eu comparece nos estudos freudianos desde o início de suas obras. No *Projeto para uma psicologia científica*, texto inacabado e abandonado pelo próprio Freud, constam informações pertinentes ao que futuramente viria a se consolidar como a psicanálise. Alguns princípios do funcionamento do aparelho psíquico comparecem nesse texto a partir de uma descrição teórica, com o objetivo de conceber um estatuto de cientificidade natural à psicologia. A experiência de satisfação, a emergência do desejo e os sonhos são exemplos de fenômenos mentais presentes no *Projeto*, todos retratados em termos fisiológicos relativos ao desempenho neuronal dos seus processos psíquicos. Um desses fenômenos se refere ao que, inicialmente, o autor descreveu como sendo a função do Eu para o aparelho psíquico e que comparece, de certa forma, ao longo da formulação teórica acerca da primeira tópica freudiana.

No *Projeto* o Eu é descrito por Freud (1950[1895]/1954) como uma organização formada por uma rede de neurônios catexizados com potencial de interferir nas passagens de quantidade de energia (Q) que circula pelo sistema nervoso e que, por sua vez, pode produzir alterações psíquicas de satisfação ou dor. O Eu é caracterizado por um componente mutável, o que indica que sua organização não assume um estatuto de estrutura fixa e unificada. Uma das funções principais do Eu é a de, durante o processo de desejar, tentar inibir o processo alucinatório, diferenciando a presença ou ausência do objeto de desejo no mundo externo. Em suma, o Eu como um componente do aparelho psíquico participa da tentativa de distinção entre os processos primários – inconsciente – e os secundários – consciente e pré-consciente.

O *Projeto* marca o início da elaboração da primeira tópica freudiana, conferindo ao Eu a função de estar à serviço da realidade.

Mais adiante, nos textos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, e *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*, de 1910, são encontrados elementos primordiais a respeito do lugar do Eu para a sexualidade, conjuntamente com a inauguração do conceito de pulsão⁴. Definida como um “representante psíquico de uma fonte endossomática” (Freud, 1905/2016, p. 66), a pulsão é descrita como um conceito que demarca uma dinâmica econômica da relação entre o psíquico e o físico. Fonte e meta são os dois primeiros critérios de composição descritos por Freud (1905/2016) acerca das pulsões. A fonte da pulsão é somática, advinda de algum órgão do corpo que, ao fazer uma exigência de trabalho à psiquê, busca atingir sua meta, que consiste na diminuição da excitação de tal órgão.

Dedicado a um estudo sobre a sexualidade humana, Freud (1905/2016) explora o caráter sexual das pulsões desde sua base na infância à puberdade, descrevendo suas diversas ramificações na vida sexual adulta. Nesse momento, o autor indica uma separação da pulsão sexual de outra diferente desta, naquilo que se distinguem em termos de meta. Fenômeno conceitual caro à psicanálise, a teoria da dualidade das pulsões ganha reformulações ao longo da obra freudiana, contudo, cabe ao nosso estudo um foco naquilo que se refere às construções teóricas acerca do Eu.

Freud (1910/2013) delimita uma distinção entre as pulsões sexuais, que se destinam ao campo da sexualidade, e as pulsões do Eu, que possuem por meta a autoconservação do

⁴ No original, *Trieb*. Apesar da edição da Companhia das Letras manter a tradução como ‘instinto’, optamos pelo termo ‘pulsão’. Conforme Hanns (1996), a tradução de *Trieb* para ‘instinto’ não abarca todo o sentido da palavra. Contudo, nas citações diretas mantemos o texto original da referida edição.

indivíduo. Nesse contexto, o autor está interessado na descrição de sintomas neuróticos acerca de transtornos da visão em pacientes histéricos, demonstrando a possibilidade da perda de domínio que o Eu sofre sobre o órgão ao colocar-se inteiramente à disposição da repressão de uma pulsão sexual. O autor detalha da seguinte forma:

O “Eu” se sente ameaçado pelas exigências das pulsões sexuais e defende-se delas por meio de repressões, que nem sempre têm o êxito desejado, mas acarretam, isto sim, perigosas formações substitutivas do reprimido e incômodas formações reativas do Eu. Dessas duas classes de fenômenos se compõe aquilo que denominamos sintomas das neuroses. (p. 245)

Tanto o conceito de Eu que surge no *Projeto* de 1895 que se coloca à serviço da realidade, quanto o que se apresenta na primeira dualidade das pulsões em 1905 e 1910 que é separado do campo da sexualidade, denota uma primeira concepção freudiana que será desenvolvida em seus estudos posteriores a partir de outro viés. O fundamental a ser destacado sobre essa conceituação introdutória é que ela exprime uma proposta muito familiar com os ideais modernos relacionados ao eu (com letra minúscula) descritos no primeiro capítulo.

Conforme desenvolve Birman (1997), o discurso freudiano do final do século XIX destinava ao Eu um lugar soberano de acesso ao campo da realidade, com capacidade para a regulação psíquica e com meta na manutenção do âmbito vital do organismo. Para o autor, essa concepção inicial era vinculada ao modelo clássico da subjetividade pois, ao naturalizar o Eu, concede um espaço de razão e autonomia frente aos conflitos psíquicos. Birman (1997) avalia uma “marca insofismável do iluminismo freudiano, na medida em que supõe que pela razão e pelo eu seria possível contornar os obstáculos da sexualidade e oferecer para esta outros destinos possíveis” (p. 28).

Paralelamente ao encargo destinado ao Eu em conciliar as exigências pulsionais de caráter sexual, Freud também trabalha com a influência cultural sobre tais fenômenos, assim

como, suas implicações. No texto *A moral sexual 'cultural' e o nervosismo moderno*, de 1908, o autor se dedica a uma análise de afirmações médicas acerca do crescimento de doenças nervosas em função das mudanças civilizatórias do período moderno. Dentre essas mudanças, são citadas as descobertas e invenções de diversas áreas, incluindo indústria, mercado, comunicação e transporte que, com um crescimento incomensurável, instigam novos esforços mentais com potencial de promoção de estilos de vida, nas grandes cidades, que se traduzem por atitudes inquietas e agitadas.

Freud (1908/2015) acrescenta aos fatores acima o caráter da repressão civilizatória imposta ao indivíduo em prol da compatibilidade dos ideais culturais vigentes. A análise freudiana de tal cenário é a de que os sintomas psicogênicos de natureza neurótica – histeria, neurose obsessiva, etc – estão relacionados a atuação da repressão sobre as exigências inconscientes do campo sexual das pulsões. Nesse estudo, apesar de não citar diretamente a função do Eu para tal dinâmica, Freud destaca a atribuição da cultura na repressão das pulsões sexuais.

A operação da repressão permite o comparecimento do pulsional no registro da cultura, mediante o desvio da meta sexual a outras socialmente valorizadas. A capacidade de sublimação é descrita por Freud (1908/2015) como uma possibilidade de destino pulsional que encontra no meio social uma maneira de obtenção da satisfação. O autor reconhece que esse desvio da meta é alcançado apenas temporariamente e por uma minoria, restando aos demais uma satisfação substitutiva que se apresenta sob a forma de sintomas neuróticos.

Numa análise comparativa, podemos verificar que em 1910 o autor propõe ao Eu a missão de defesa das exigências pulsionais sexuais enquanto, em 1908, é reservado ao âmbito civilizatório tal incumbência. Parece tratar-se de uma articulação entre o social e o Eu, demonstrando possuírem funções análogas por estarem à serviço da realidade com potencial

de dessexualização das pulsões. Nesse sentido, Eu e o social são atores importantes na manutenção dos ideais modernos para o indivíduo pois, dessa forma, reforçam a valorização de características como a racionalidade e estabilidade, preservando a tradição cartesiana.

Contudo, como desenvolvido no primeiro capítulo do nosso estudo, a Modernidade carregava ambivalências e críticas internas aos seus próprios pressupostos, sendo manifestados na arte, na ciência e também no cotidiano. É possível verificar que os escritos iniciais da psicanálise também tiveram influências dessa configuração moderna da sociedade ocidental. Como desenvolve Santi (2003), sobressaem nas produções iniciais de Freud os estudos sobre a consciência, o que revela inicialmente uma ideia de centralidade do psiquismo. O autor afirma que as perspectivas teóricas da psicanálise, que tendiam a uma fundamentação biológica do psiquismo, anunciavam o plano moderno de fazer ciência. Todavia, de acordo com ele, o estilo de escrita de Freud alternava entre um discurso rigoroso e objetivo e um discurso artístico. Santi (2003) sustenta que Freud “é reconhecido por possuir uma ampla gama de estilos ao longo de seus textos; transitando entre estudos teóricos pesados, ensaio autobiográfico, casos clínicos, breves textos de interpretação de algum fenômeno cultural, etc.” (p. 185).

Santi (2003) propõe que Freud seria, ao mesmo tempo pré, pós e também moderno, comparando-o com outros escritores como Montaigne e Nietzsche. Assim como esses dois autores, Freud utiliza-se de uma visão irônica no decorrer de suas obras e, dispondo desse recurso, constrói algumas bases psicanalíticas a partir da representação pelo contrário. Como exemplo, o autor cita o campo dos sintomas como sendo uma expressão da ação humana com um sentido distinto do imediato. Para Santi (2003) o uso da ironia – marca do estilo moderno de escrita – anuncia a possibilidade criativa e polissêmica da linguagem e, Freud, ao utilizar-

se desse recurso, revela tal variabilidade da linguagem, criando “uma obra dinâmica o suficiente para tornar-se canônica, rica em possibilidades de interpretação” (p. 184).

Mesmo com os diferentes desdobramentos em torno do termo ‘Eu’ no início das obras freudianas, anteriores ao seu desenvolvimento conceitual, consideramos importante a observação de Mezan (2013) quando afirma que “não seria correto dizer que estas diferentes formulações se contradizem ou que as anteriores são abandonadas em proveito das subsequentes; cremos mais acertado incluir cada uma delas na constelação conceptual específica que permite sua emergência” (p. 188).

Ainda que a psicanálise tenha apresentado na inaugural teoria das pulsões, uma separação entre as pulsões sexuais e as pulsões do Eu, expressando a possibilidade de renúncia das tendências agressivas e sexuais advindas do campo inconsciente mediante as imposições da vida civilizada (Freud, 1908/2015) e, atribuído ao Eu um lugar de mediação do psiquismo com capacidade de distinção dos processos primários e secundários (Freud, 1950[1895]/1954), encontram-se presentes desde o início proposições que anunciavam a relatividade dessas concepções.

Relembramos que, ao descrever a função do Eu para o processo econômico do psiquismo, Freud (1950[1895]/1954) anuncia que apesar de uma organização e do serviço imposto pela consciência, esse componente do psiquismo não possuiria uma estrutura fixa e unificada, algo que será retomado futuramente no texto *O Eu e o Id*. Além disso, as exigências culturais e o embate do Eu frente aos impulsos sexuais nem sempre culminam na sublimação das pulsões sexuais, já que para muitas pessoas são impostos significativos sacrifícios psíquicos que resultam em sofrimento de ordem neurótica, como um custo a se pagar pela entrada na cultura (Freud, 1908/2015). Ademais, no texto dedicado a exploração teórica da sexualidade infantil, Freud (1905/2016) compara a satisfação de uma criança posteriormente à

amamentação como uma imagem ilustrativa de demonstração da satisfação sexual na vida adulta. Na comparação da diminuição da tensão sexual com a saciação da fome, temos que as metas de autoconservação das pulsões do Eu também se vinculam as pulsões sexuais, o que futuramente viria a se desenvolver como um novo paradigma da teoria das pulsões.

É com a introdução da teoria do narcisismo que encontramos uma nova concepção do Eu, agora claramente investido libidinalmente e dependente da relação com o outro primordial para sua constituição. A partir disso, “a função adaptativa, transcendente e autônoma do eu é colocada em questão, justamente porque o que é enunciado no primeiro plano da teoria é a inserção do eu na balança energética libidinal, que oscila entre o eu e os objetos” (Birman, 1997, p. 30). Nessa concepção, Freud (1914/2010) destaca que o Eu recebe fortes investimentos libidinais no processo de constituição, advindos de si e do meio, destacando a função estruturante do narcisismo no desenvolvimento sexual e no devir de um Eu em formação.

2.2 O narcisismo e o corpo sexualizado

Como nos apresentam Roudinesco et al. (1998), o termo ‘narcisismo’, até o final do século XIX, era empregado para designar comportamentos perversos e fetichistas de pessoas que tomavam a si próprias como objeto sexual. O termo teve como base o mito de Narciso, um belo jovem apaixonado pela sua imagem e torturado por um desejo impossível. Após repelir diferentes pretendentes, é a sua imagem refletida em águas transparentes que desperta em si um encanto apaixonado. Percebendo a impossibilidade de se relacionar com esse objeto de amor, o jovem tenta se separar da própria pessoa, o que o leva a ferir-se fatalmente (Roudinesco & Plon, 1998). É esse investimento por si mesmo que designa o narcisismo, o

qual ganhou espaço conceitual na teoria psicanalítica. Nessa seção e nas seguintes examinamos os princípios da teoria do narcisismo a partir da psicanálise freudiana.

Em suas primeiras anotações, o narcisismo é citado por Freud (1911/2010) na análise do caso de Schreber ao descrever sobre os mecanismos da paranoia – que levava o nome de parafrenia. Localizado entre o autoerotismo e o amor objetal, o narcisismo é destacado como um estágio no desenvolvimento da libido, momento em que o próprio Eu é libidinalmente investido, tornando-se o primeiro objeto de amor. No estágio narcísico o Eu coincide com o objeto, concentrando boa parte dos investimentos sexuais e da energia mental disponível. Nos casos de paranoia, Freud (1911/2010) avalia que a maioria deles carrega uma similaridade sintomática que se refere ao “delírio de grandeza” (p. 63). A partir de observações clínicas, o autor vincula esse delírio a um processo de engrandecimento do Eu, como um retorno ao estágio narcísico, supondo haver uma fixação em tal estágio. Nessa lógica, o paranoico investe no mundo externo precariamente, ocorrendo um desprendimento da libido de objeto, destinando seu investimento prioritariamente ao Eu.

Mais tarde, no texto *Introdução ao Narcisismo*, Freud irá desenvolver conceitualmente o processo de constituição do Eu, afirmando logo no início do texto que o Eu enquanto uma unidade não está presente no indivíduo desde o começo, e que só será desenvolvido posteriormente. Esta afirmação é resposta ao questionamento acerca da relação entre o autoerotismo, o qual Freud trabalha em 1905, e o narcisismo, o qual se dedica em 1914. O autoerotismo é destinado ao próprio corpo em sua diversidade de fontes pulsionais, sendo primordial e anterior ao narcisismo que, por sua vez, é formado a partir de “uma nova ação psíquica” (p. 13) acrescentada ao autoerotismo. A referida ação psíquica é vinculada ao campo das relações com objetos, naquilo que constitui a vida amorosa dos seres humanos, a

qual Freud (1914/2010) se dedica no estudo do narcisismo como sendo uma terceira via de acesso.

As outras duas formas de investigação da temática se destinam à descrição sobre a doença orgânica e a hipocondria. Novamente dispondo do recurso de estudar e representar os conceitos partindo dos seus sentidos opostos, Freud (1914/2010) se apoia nos “exageros e distorções do patológico” na tentativa de se aproximar ao “que é aparentemente simples no normal” (p. 17). Partindo de uma ideia de Sándor Ferenczi, Freud (1914/2010) explora em que medida uma enfermidade orgânica agiria sobre a distribuição da libido e em mudanças relativas ao interesse do Eu sobre seu mundo externo. Familiarmente à doença orgânica, a hipocondria se manifesta como uma redistribuição da libido que, concentrada em um órgão do corpo, produz sensações físicas de dor. O hipocondríaco desloca o interesse dos objetos do mundo externo, tomando seu próprio corpo, ou parte dele, como fonte de investimento libidinal.

Descrevendo sobre a hipocondria, Freud (1914/2010) relembra que nas teorias sexuais em torno dos casos neuróticos, o corpo já se apresentava como um componente primordial para a concepção de alterações dos investimentos libidinais do Eu. Peça fundamental para a psicanálise e, igualmente, para o estudo do narcisismo, o corpo ocupa um lugar de prestígio na construção teórica acerca da formação e da função do Eu. Entre idas e vindas da distribuição da libido no corpo e do investimento do Eu em si mesmo – manifestos nos sintomas de hipocondria, megalomania e histeria – Freud (1914/2010) levanta a questão: “de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos?” (p. 20). A capacidade para amar é um destino encontrado pelo aparelho psíquico para se proteger do adoecimento, à medida que surge a necessidade de redirecionar o investimento libidinal para que esta não fique represada no Eu e venha a se

constituir como uma experiência de desprazer. Entretanto, para que um objeto externo seja investido, um Eu minimamente constituído precisa estar presente.

A vida amorosa é posta em jogo na dinâmica narcísica, como a terceira maneira encontrada por Freud (1914/2010) para estudar tais questões. São nas inaugurais relações objetais, as quais desempenham a tarefa de cuidados primários, que as primeiras experiências de satisfação são registradas na vida psíquica, tanto em termos vitais quanto sexuais (Freud, 1905/2016). Nesse momento primário do narcisismo, a autoconservação e o autoerotismo estão conectados entre si, e o indivíduo mesmo é tomado como objeto de investimento libidinal. Contudo, dependente do meio para sobrevivência, cuidado e proteção, a criança também elege, posteriormente, as pessoas encarregadas de tal incumbência como seus primeiros objetos sexuais (Freud, 1914/2010).

Nessa fase inicial da constituição do Eu, em que as pulsões sexuais se encontram ligadas intimamente com a satisfação autoerótica, há de se notar uma dispersão das pulsões, a qual Freud (1905/2016) se refere ao descrever uma criança como polimorficamente perversa. Ou seja, antes de se considerar uma existência integral do Eu, também se torna improvável conceber o comparecimento de um objeto externo a ser investido. Não à toa, o próprio corpo é referência principal de fonte, meta e objeto de satisfação das pulsões. A parcialidade das pulsões que, em geral, atuam de forma independente e anárquicas, revelam um Eu ainda por se constituir, processo que será possível a partir da organização pulsional.

O corpo próprio, assumido como fonte de investimento vital e sexual, associado com a relação de dependência com o outro primordial, marcam o modelo narcísico inaugural na formação do composto que viria a se constituir como o Eu. A organização pulsional é representada pela unificação do corpo, não mais fragmentado, mas reunido em um composto. Mais tarde na obra freudiana, em *O Eu e o Id*, o caráter corporal do Eu é evidenciado. Nesse

texto, Freud (1923/2011) destaca a participação das sensações primordiais, como a dor, na formação de uma tenra ideia do corpo. O toque nesse corpo também pode provocar no indivíduo percepções internas e externas simultaneamente, fomentando novos conjuntos de representações ao arcaico Eu.

Para Anzieu (1989), além da dor, outros fatores se associam ao toque e se apresentam como experiências corporais que viabilizam um primeiro delineamento do Eu. O autor declara que apesar de Freud não as citar explicitamente, as sensações de calor e frio e as trocas respiratórias são registros sensoriais que também participam da constituição do Eu e, logo, da origem do psiquismo. Outrossim, “... tudo o que é psíquico se desenvolve em constante referência à experiência corporal” (p. 113). Este contorno dado do corpo, o qual coaduna com a formação inicial do Eu, é fruto da exploração da criança que toma o corpo como objeto ao longo do seu desenvolvimento.

Como citado até aqui, é possível verificar que este corpo, ainda carente de cuidados, irá sempre depender do suporte do outro para que a referida composição do Eu aconteça. Para além do campo tático, Lacan (1949/1998) observa que o contorno dado ao corpo se manifesta numa dinâmica alienante, o que possibilita conferir ao Eu uma imagem a partir do outro. Em sua teoria sobre o estágio do espelho, o autor descreve os movimentos que levam a formação dessa imagem. Nesse período, a criança está vivenciando um momento de impotência motora e, a partir do processo de maturação, ela pode começar a se colocar em pé. Lacan (1949/1998) nos conta que o corpo parte de um estado de fragmentação para uma unificação, o que provoca uma transformação ao assumir uma imagem.

O autor afirma que essa primeira forma do Eu se situa “numa linha de ficção” (Lacan, 1949/1998, p. 98), designada pelo Eu ideal e que estabelece “uma relação do organismo com sua realidade” (p. 100), ou seja, do seu mundo interno com o ambiente externo. Para Lacan

(1949/1998), é no sentido de identificação que devemos compreender o estágio do espelho, sendo a origem das identificações secundárias. A instância do Eu a emergir como uma imagem se estabelece como ficcional, pois representa uma condição anterior as determinações sociais. O que Lacan (1949/1998) demonstra é que a imagem formada assume inicialmente “uma identidade alienante” (p. 100) e, que, posteriormente, o Eu especular poderá fazer uma passagem ao Eu social.

Conforme os autores pesquisados, consideramos importante destacar que, ao falarmos de corpo e de autoerotismo nas experiências de subjetivação arcaicas, como também, nas atuais, é ir muito além de uma noção restrita ao âmbito táctico das sensações erógenas. Dolto (1984) mostra que “a imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais” (p. 14), sendo sempre do campo inconsciente a partir da relação estabelecida com o outro, anterior à capacidade do indivíduo dirigir-se a si mesmo pelo pronome pessoal ‘eu’.

Dessa forma, compreende-se que a constituição dessa imagem precede a formação de uma unidade do Eu, ao mesmo tempo que fará parte fundamental desse conjunto unificado. Dolto (1984) acrescenta que a imagem possui a característica de atualização constante a partir do que é vivido pelo sujeito em termos relacionais, “pois é na imagem do corpo, suporte do narcisismo, que o tempo se cruza com o espaço, e que o passado inconsciente ressoa na relação presente” (p. 15). É a partir de uma articulação das sensações erógenas próprias e inter-humanas na base da concepção do sujeito que a imagem pode ascender.

É no mínimo curioso a concepção inicial do corpo enquanto uma imagem, pois anuncia a participação do campo escópico para tal formação. Freud (1905/2016) já havia demonstrado que a visão é derivada do toque e, a partir de acréscimos em 1915, afirma que “a impressão ótica continua sendo o caminho pelo qual a excitação libidinal é despertada com mais frequência ...” (p. 49). Em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, Freud (1905/2017)

descreve que a libido ligada ao olhar é uma substituição do toque, a qual remonta um prazer primário de caráter sexual, a curiosidade de ver desnudo o que é específico de cada sexo – como alvo da pulsão ainda não sublimada.

Nas investigações freudianas sobre as pulsões parciais, as práticas de *voyeurismo* e exibicionismo são notadas na infância como “tendências autônomas, inicialmente distintas da atividade sexual erógena” (Freud, 1905/2016, p. 99). A referida experiência denota a importância da diversidade das pulsões anteriormente a sua organização no percurso da constituição subjetiva. Tomar o corpo como objeto autoerótico, tanto em termos táteis e escópicos, conjuntamente com o investimento do outro e para o outro, compõe o processo de unificação das pulsões e do próprio caminhar à experiência de alteridade – uma separação necessária para constituição do Eu.

No seu estudo sobre o narcisismo, Freud (1914/2010) nos mostra que no interlaço entre o Eu e o outro, em especial pela condição inerente de dependência dos cuidados primários, algo da relação afetiva estabelecida em torno de atitudes ternas fomenta o estabelecimento de ideais que moldam o processo de identificação, assim como, as escolhas objetais. Como apontado mais tarde por Lacan (1949/1998), o primeiro registro unificado do Eu se ampara numa função alienante, terreno próprio do narcisismo primário, tendo como base a insuficiência orgânica da criança. Acompanhado de um engodo pela imagem de si, um Eu especularizado tende a ascender ainda que ocupando a condição de impotência motora e dependendo do outro para sobrevivência.

Freud (1914/2010) supõe um narcisismo primário composto por sentimentos e crenças advindas dos pais em relação à criança que auxiliam na manutenção de modelos identificatórios. “His Majesty the Baby [Sua Majestade o Bebê]” (p. 37) – ocupa um lugar importante na trama narcísica dos pais, que revisitam e reproduzem as próprias fantasias do

seu narcisismo abandonado. A criança recebe a tarefa de “concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe” (p. 37). Todo esse investimento das figuras responsáveis pelos cuidados na base da concepção conduz ao advento de instâncias idealizadas do Eu – reguladoras dos processos de identificação, porta de entrada para a cultura e balizas nas escolhas objetais.

2.3 As instâncias ideais

Nesta seção desenvolvemos acerca das instâncias ideais e sua importância nas experiências de subjetivação desde a base da concepção do Eu até o seu ingresso na cultura. É apenas na terceira parte do texto de 1914 que Freud irá introduzir o tema, ainda que de uma forma complexa, associando as passagens anteriores do texto. Dessa maneira, recorreremos a outros autores que também trabalham essa temática para explorar o comparecimento de tais fenômenos no âmbito infantil da constituição, assim como, na vida adulta e na cultura, demonstrando a indissociabilidade desses campos. Em vista da dimensão e importância do tema, dividimos essa seção em subseções no intuito de agrupar os principais componentes de cada conteúdo, promovendo uma articulação entre eles.

2.3.1 O Eu ideal

Freud (1914/2010) destaca que, nas relações primordiais, os pais investem narcisicamente no bebê recém-chegado e, a partir da nobre posição ocupada pelo filho, é possível que as suas próprias fantasias narcísicas sejam revividas. Ocupando um lugar de privilégio no mundo, a criança pode usufruir de uma superestimação por parte de seus cuidadores, que a revogam todos os infortúnios da vida. Dessa forma, “o amor dos pais,

comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (p. 37). A relação afetiva estabelecida é dominada por um estigma narcísico, como um resto do narcisismo dos pais, que depositam na criança exigências de privilégios que estes renunciaram em suas vidas.

Freud (1914/2010) continua ao dizer que a criança deverá ser isenta de necessidades que dominam a vida e das exigências que se impõem pela realidade, afirmando que “doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmbito da Criação” (p. 37). O autor demonstra que a onipotência ainda é alimentada pela isenção dos defeitos, à medida que os pais são levados a ocultá-los e esquecer-los, atribuindo ao bebê majestoso apenas as suas perfeições. Essas declarações afetivas, somadas à imagem corporal, fornecem ao indivíduo uma imagem idealizada do Eu – o Eu ideal.

A instância do Eu ideal se traduz como um conjunto de representações do campo de fantasias narcísicas que procuram responder aos investimentos e expectativas dos objetos primários; momento este que também alude a uma fantasia de total satisfação pulsional (Garcia-Roza, 2004). Para Mezan (2002), essas experiências subjetivas se refletem no comportamento da criança, que é arranjado em torno do desejo de realização imediata das fantasias, incluindo a de ser o centro do universo. Garcia-Roza (2004) reconhece que essa instância não se ausenta no adulto, quando afirma: “É importante manter presente que o eu ideal não é uma fase inicial do eu superada e substituída por uma outra que é a ideal do eu, e que uma vez superada desaparece” (p.57).

Conforme Mezan (2002), a importância atribuída pela psicanálise acerca do mundo infantil denota o quanto, no inconsciente do adulto, sobrevivem dimensões cruciais desse

período que contribuem de forma decisiva na organização de sua vida psíquica. Podemos refletir que há no adulto a possibilidade de operação de um Eu ideal que remete a uma posição narcísica frente às demandas do objeto. Freud (1914/2010) discorre que o investimento da libido em um adulto não se destina exclusivamente aos objetos externos, o que exprime a ideia dos autores que estamos trabalhando aqui. O narcisismo infantil, em alguma medida, pode continuar operando posteriormente, conjuntamente com os sentimentos de onipotência e megalomania que outrora prevaleceram, tendo como seu representante o Eu ideal.

É útil lembrarmos que, a dispersão libidinal refletida no corpo em torno da sua parcialidade pulsional, pode tomar forma a partir do autoerotismo e de sua dependência de um outro. Este outro, poderoso o suficiente para mantê-lo vivo, também carrega a satisfação em fazê-lo, já que pode reviver suas próprias fantasias narcísicas. É possível que o Eu possa erigir a partir de fortes investimentos vitais e sexuais consigo mesmo e com o outro. A satisfação sexual autoerótica e dependente biologicamente de outrem, é a via inicial pela qual a capacidade para amar emerge. Freud (1914/2010) apresenta que uma pessoa desenvolve duas maneiras de amar:

- 1) Conforme o tipo narcísico:
 - a) o que ela mesma é (a si mesma),
 - b) o que ela mesma foi,
 - c) o que ela mesma gostaria de ser,
 - d) a pessoa que foi parte dela mesma.
- 2) Conforme o tipo “de apoio”:
 - a) a mulher nutriz,
 - b) o homem protetore a série de substitutos que deles derivam. (p. 36)

Mesmo com essa separação teórica, Freud (1914/2010) afirma “... que para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência” (p. 32). Temos nessa passagem que, tomar a si próprio como objeto de amor compõe o primeiro item do tipo narcísico, enquanto no tipo ‘de apoio’, as figuras parentais

primárias ou seus substitutos também se apresentam como possível eleição de objeto. Podemos notar que, entre um ou outro, prevalece uma característica bastante primária do processo de constituição narcísica, momento em que todas as perfeições são destinadas ao Eu que, por sua vez, pode usufruir da satisfação primária que fora recebida de seus cuidadores e do seu próprio autoerotismo. A operação do Eu ideal exprime os atributos de uma imagem de si numa linha de ficção em torno do perfeito e da alienação as demandas do objeto primário, o qual o sujeito em constituição se submete.

Lacan (1954/1986) resgata o texto de Freud acerca do narcisismo e retoma sua própria teoria do estágio do espelho para exemplificar o irrompimento da primeira forma do Eu, designada pelo Eu ideal. Localizando essa instância no plano do imaginário, o autor supõe que a imagem rudimentar do Eu é uma miragem de si mesmo, a partir do olhar de um semelhante fora dele. O autor faz uma analogia com o mundo animal e os rituais de acasalamento descrevendo que, apesar de algumas exceções, somente um parceiro da mesma espécie é capaz de desencadear um comportamento sexual no outro. As manifestações sexuais dos animais são dominadas pelo imaginário, à medida que inexiste cultura e linguagem em tal grupo. Comparando com os seres humanos, Lacan (1954/1986) discute que o fenômeno do amor também se passa no nível imaginário, pois “o amor reabre a porta ... à perfeição” (p. 166). Amar em conformidade ao Eu ideal é submeter o objeto desejável como análogo ao próprio Eu, confundindo-o com sua imagem idealizada.

2.3.2 O sentimento de si

A partir dos autores pesquisados, podemos considerar que o primitivo do amor infantil se subjaz no Eu ideal, lugar em que o olhar do outro se constitui como suporte para o gerenciamento do amor-próprio – do sentimento de si. *Selbstgefühl* é o termo original em

alemão que foi traduzido para o português como “amor-próprio” (p. 45) no texto de 1914 na versão da Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza. Entretanto, uma nota de rodapé nesse mesmo texto aponta que a tradução literal do termo é “sentimento de si” (p. 45). Outras traduções possíveis são encontradas no texto *Luto e Melancolia*, de 1917, em que o termo é traduzido ao longo do texto como “autoestima” (p. 172). Optamos por utilizar a tradução literal de *Selbstgefühl* como ‘sentimento de si’, fazendo uma troca pelo ‘amor-próprio’, à medida que ela se aproxima de outras traduções estrangeiras das obras de Freud, conforme nos apresenta o tradutor Paulo César de Souza em uma nota de rodapé no texto de 1917: “sentimiento de si, sentimiento di sé, sentiment de soi, self-regarding feelings” (p. 172).

Na análise de Garcia-Roza (2004) a diferença principal entre *Selbstgefühl* e o Eu, é que no segundo temos o princípio de uma unidade, um composto, um conjunto unificado a partir da formação da imagem, ao passo que o sentimento de si é relativo ao âmbito das relações do indivíduo. Em Freud (1914/2010), essa concepção se refere a uma expressão da grandeza do Eu, conforme diminuição ou aumento do sentimento de si. O que ajuda a aumentar o sentimento de si é “tudo o que se tem ou que se alcançou, todo resíduo do primitivo sentimento de onipotência que a experiência confirmou ...” (Freud, 1914/2010, p. 45). Essa passagem parece fazer uma alusão ao período primário do narcisismo, aquele caracterizado pelo investimento de prestígio e superestimação que o indivíduo recebe na relação com as figuras parentais – berço da constituição do Eu ideal.

Em alguns exemplos, Freud (1914/2010) enfatiza que o rebaixamento do sentimento de si pode estar relacionado com uma percepção de impotência do indivíduo, expressado por sua dificuldade para amar. Uma possibilidade apontada pelo autor é da dependência do objeto de amor, situação em que o efeito rebaixador aparece. Temos assim, que o sentimento acerca

de si mesmo, que aponta para a grandeza do Eu, está intimamente ligado com as relações estabelecidas com o objeto e, logo, ao cumprimento dos ideais.

Baseados nas elaborações de Freud (1914/2010) acerca do sentimento de si, representamos essa dinâmica na Tabela 1. De maneira categórica e com fins apenas didáticos, sintetizamos quais as peculiaridades do aumento ou da diminuição do sentimento de si que influi na grandeza do Eu:

Tabela 1 Possíveis variações do sentimento de si

Aumento do sentimento de si	Diminuição do sentimento de si
Parafrenias (atualmente no campo das psicoses)	Neurose de transferência
Ser amado	Não ser amado
Reaver o narcisismo perdido	Dependência do objeto de amor
Sentimento de onipotência	Sentimento de inferioridade
Retorno da libido ao Eu (transformação da libido em narcisismo)	Transbordamento da libido do Eu para o objeto

Nota. Baseada na terceira parte do texto *Introdução ao Narcisismo*, de S. Freud, 1914/2010.

A Tabela 1 requer um detalhamento de algumas questões, para que não passe a impressão de uma rigidez quanto ao aumento ou diminuição do sentimento de si. Quando Freud (1914/2010) afirma “... que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria ...” (p. 33) e, a partir disso, pressupõe um narcisismo primário a todos os indivíduos, o autor reflete que, eventualmente, a escolha de objeto pode ser dominada por esse estágio inicial da libido. Do mesmo modo, quando separa os caminhos da escolha de objeto entre os tipos narcísico e ‘de apoio’, o autor deixa claro que as pessoas não se distinguem em dois grupos diferentes, pois para todos é admissível ambos os caminhos em sua história relacional, embora haja preferência entre um ou outro. Tomando essas afirmações

como base, refletimos que, na Tabela 1, os exemplos das variações do sentimento de si também revelam o atributo de eventualidade, o que em outras palavras quer dizer que conforme as experiências de subjetivação e as trocas no âmbito relacional de cada indivíduo, é plausível que a grandeza do Eu disponha de oscilações.

Podemos tentar uma sumarização das informações trabalhadas acima da seguinte maneira: a distribuição da libido (entre o Eu e o objeto), assim como a dualidade dos sentimentos (inferioridade e onipotência), ou ainda a alternância das escolhas objetais (narcísica ou ‘de apoio’), revelam o atributo de eventualidade e, portanto, exprimem as possibilidades de variações no sentimento de si. O campo das relações, que participa da balança do Eu e do outro, demonstra sua importância no processo de constituição primitivo e, igualmente, nas experiências atuais de subjetivação.

Mais tarde, no texto *Psicologia das massas e análise do Eu*, o autor enfatiza a relevância da esfera social para o processo de identificação e retomando seu texto sobre o narcisismo, afirma que “no curso de nosso desenvolvimento efetuamos uma separação, em nossa existência psíquica, entre um Eu coerente e uma parte reprimida inconsciente, deixada fora dele, e sabemos que a estabilidade dessa nova conquista está sujeita a constantes abalos” (Freud, 1921/2011, p. 95). Nesse contexto, é possível verificar que, ao primeiro composto do Eu, o Eu ideal, se apresentam novos desafios advindos das relações, os quais se manifestam como princípios morais e culturais que impõe ao indivíduo um novo ideal – o ideal do Eu.

2.3.3 O ideal do Eu

Ocupando o lugar de fantasia de satisfação imediata, receptáculo das admirações das figuras encarregadas pelos cuidados primários, o primado do Eu tende a se deslocar a uma nova instância ideal. Para que tal ocorra, Freud (1914/2010) afirma que:

O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal. (p. 48)

Notamos com essa passagem que ela apresenta uma importante declaração acerca do estabelecimento da alteridade, uma vez que um novo ideal tende a surgir conforme imposições advindas do mundo externo. A unidade do Eu, formada a partir da unificação das pulsões quando do corpo sedimentado em torno de uma imagem – oásis da emergência do Eu ideal – se depara com objeções alheias com potencial de coibir a satisfação pulsional total. Com o distanciamento do narcisismo primário, a instância do ideal do Eu adentra o cenário das identificações, possibilitando ao Eu novas referências para o seu mundo interno advindas do mundo externo.

Birman (1997) desenvolve que esse movimento exige um significativo processo em termos psíquicos, em virtude da história de relações, para que o Eu tenha sua origem estabelecida a partir do outro, e não de si mesmo. Para o autor, a partir dessa dinâmica, as insuficiências e finitudes do Eu ideal são colocadas em evidência à medida que um novo ideal se torna alvo e meta a ser atingido. O autor acrescenta que este é um movimento importante na constituição, uma vez que duas modalidades de subjetividade comparecem, uma autocentrada (Eu ideal) e outra descentrada (ideal do Eu). Birman (1997) se refere a um distanciamento da noção do Eu como autônomo, frisando a impossibilidade de pensá-lo na exclusão do outro. Constitutivo do Eu, o processo de identificação inclui os ideais externos em sua composição.

Freud (1914/2010) apresenta uma articulação entre o deslocamento do Eu a um novo ideal com os destinos pulsionais de sublimação e repressão. Sobre o primeiro, Freud (1914/2010) afirma que “... a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão” (p. 41). O autor procura esclarecer que não se deve confundir o

processo de sublimação com o da idealização. A sublimação está relacionada a uma mudança na meta pulsional, “... a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual” (p. 40). No caso da idealização, é um processo que envolve o objeto, podendo ser uma superestimação sexual deste. Freud (1914/2010) afirma que:

A formação do ideal do Eu é frequentemente confundida, em prejuízo da compreensão, com a sublimação do instinto. Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais. (p. 41)

Conforme o que desenvolve Mezan (2013), essa separação é importante à medida que esclarece uma independência da formação do ideal com a sublimação. Para o autor, “... a função primordial do ideal do ego nada tem a ver com a sublimação: consiste no estabelecimento da consciência moral, que constantemente está observando o ego e verificando sua compatibilidade com os altos padrões originados pelo desvio do narcisismo” (p. 179).

Considerando a articulação entre o ideal do Eu e a repressão, Freud (1914/2010) afirma que “a repressão vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu” (p. 39). Com essa afirmação, o autor explicita que na divergência entre os conteúdos pulsionais da libido e as ideias morais e culturais, a repressão torna-se uma possibilidade. Comparando duas pessoas hipotéticas, o autor ilustra que vivências e desejos semelhantes podem ser administrados por cada uma de maneiras distintas. Uma delas pode tolerar em si com maior facilidade chegando a elaborar tais conteúdos conscientemente, enquanto a outra os reconhece como aversivos, ou ainda, os rejeita antes de se tornarem conscientes.

O referido processo de rejeição é designado por Freud (1914/2010) como uma condição imposta ao Eu pela formação do novo ideal. No exemplo acima, o autor continua: “podemos dizer que uma erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal” (grifo no original, p. 40). Podemos refletir com

essas anotações que ao ideal do Eu é destinada a função de uma espécie de bússola, o qual o Eu pode tomar como parâmetro para o processo de identificação.

O narcisismo primário, o qual o Eu desfrutou, pode reacender com a introdução dessa instância. O indivíduo “não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu *juízo despertado*, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu” (grifo nosso, Freud, 1914/2010, p. 40). Um juízo é despertado, comandado pelo que Freud (1914/2010) chamou de “consciência moral” (p. 42).

Para continuarmos, podemos tentar um esclarecimento desses apontamentos. Com a inclusão do ideal do Eu no processo identificatório, é fornecido ao Eu a possibilidade de se identificar com características necessárias para o atendimento de princípios do âmbito social. Reaver a satisfação narcísica é um alvo do Eu que, tomando o ideal do Eu como referência, dirige imposições a si para tamanha missão. Tais imposições são promovidas por figuras que fomentam a formação da consciência moral, suscitando o despertar de um juízo interno. É dessa forma que Freud (1914/2010) destaca a importância da cultura e da educação no processo de identificação:

Pois a incitação a formar o ideal do Eu, cuja tutela foi confiada à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, os quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública). (p. 42)

Ao adentrar o social, o Eu se distancia do narcisismo primário, mas pode reavê-lo ao atender as exigências que se impõe pela sua instância censória. Freud (1914/2010) afirma que “... a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão ...” (p. 41). Se, de um lado, temos que a formação do ideal do Eu possibilita a entrada na cultura, a partir de proibições que se fazem necessárias para o processo civilizatório, do outro, pode despertar uma tendência à repressão quando do desenvolvimento de alguma patologia. Freud

(1914/2010) exemplifica essa questão com os casos de paranoia, os quais lançam mão, inconscientemente, de autocríticas a própria pessoa. O autor sustenta que “as vozes e a multidão indefinida são trazidas à luz pela doença, a evolução da consciência moral se reproduz regressivamente” (p. 43). E continua dizendo que “a consciência moral lhe aparece então, em forma regressiva, como hostil interferência de fora” (p. 43).

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* são atribuídas as seguintes funções ao ideal do Eu: “auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão” (Freud, 1921/2011, p. 68). O autor acrescenta no mesmo trecho uma sumarização dessa instância quando afirma que ela é:

“... a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das *influências do meio*, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu. (grifo nosso, Freud, 1921/2011, p. 68)

O trecho acima enfatiza a importância do campo social no processo de aculturação do Eu à medida que destaca as influências do meio na formação de um novo ideal. Como visto ao longo dessa subseção, elementos sociais como a família, a educação e demais figuras do meio, comparecem à constituição subjetiva, podendo nortear o processo de identificação e as escolhas objetivas. É possível verificar que, quando esses elementos são associados à imagem narcísica, o Eu pode adquirir uma nova forma de buscar a satisfação da qual já desfrutou, mensurando seus atributos em relação às expectativas sociais e morais do seu contexto, as quais influem em seu sentimento de si. Na próxima seção concluímos esse capítulo explorando como a cultura participa da dinâmica de identificações e, portanto, da vida psíquica inconsciente.

2.4 Identificação e cultura

A teoria freudiana acerca do narcisismo enfatiza a dimensão do outro para a formação do Eu e de seus ideais. Há de se notar que o caráter individual da constituição psíquica é insuficiente para pensar o percurso subjetivo o qual requer, inevitavelmente, a participação do outro para tal processo. Podemos afirmar que se evidencia nessa teoria um entrelaçamento necessário entre aspectos individuais e coletivos para o devir de uma subjetividade. Freud (1921/2011) retoma e sublinha essas questões ao introduzir sua análise das massas, afirmando que “... as relações do indivíduo com seus pais e irmãos, com o objeto de seu amor, com seu professor e seu médico ... podem reivindicar ser apreciadas como fenômenos sociais” (p. 14). O que o autor realça é que os processos narcísicos da constituição não são díspares aos atos psíquicos sociais ou de massa.

Na avaliação de Soler (2016) sobre o referido texto, a autora observa que há uma apresentação freudiana acerca da construção da estrutura dos laços afetivos individuais que coadunam com os sociais. Para ela, quando Freud aproxima esses dois campos, ele promove um movimento de objeção as críticas que seguidamente lhe eram feitas, as de hipoteticamente se interessar apenas pelo indivíduo, ignorando os fatores sociais. Consideramos a avaliação da autora pertinente e acrescentamos que esse movimento não se resume apenas ao texto de 1921, visto que ao final do texto de 1914 Freud já afirmou: “Do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação” (Freud, 1914/2010, p. 50).

Freud (1921/2011) realiza uma revisão de apontamentos de alguns autores sobre o assunto, recorrendo a teoria psicanalítica para fazer uma articulação entre eles. Em sua análise de Le Bon, são destacadas algumas características daquilo que compõe uma massa. Uma

primeira peculiaridade importante a ser enfatizada é o fato de a massa ser guiada pelo inconsciente. O que Freud (1921/2011) demonstra, referenciado nesse autor, é que o indivíduo na massa carrega um sentimento de onipotência, não tolerando “... qualquer demora entre o seu desejo e a realização dele” (p. 25). Essa passagem parece fazer alusão ao que caracteriza o narcisismo primário, quando da dificuldade do indivíduo em adiar uma satisfação, requisitando atendimento imediato das demandas pulsionais.

Além do aspecto primário da constituição, algo do primitivo civilizatório comparece na análise da psicologia das massas. Freud (1921/2011) elabora que:

Alguns outros traços, na caracterização de Le Bon, lançam uma clara luz sobre a validade de identificar a alma da massa com a dos povos primitivos. Nas massas as ideias opostas podem coexistir e suportar umas às outras, sem que resulte um conflito de sua contradição lógica. O mesmo sucede, porém, na vida anímica inconsciente dos indivíduos, das crianças e dos neuróticos, como há muito demonstrou a psicanálise. (p. 28)

Sobre o aspecto primitivo, Freud (1921/2011) relembra já ter trabalhado com essas questões no artigo de 1913, *Totem e Tabu*, quando demonstra que a horda primeva deixara traços na história da humanidade. Para o autor, em cada indivíduo encontra-se conservado o homem primitivo, o que corresponde a um estado de regressão da atividade anímica, ou seja, um indivíduo que se acredita com potencial fantasioso de realização total dos próprios desejos. Em resumo, o que Freud (1913/2012) destaca é a importância da interdição provocada pelo aspecto civilizatório, a partir da figura do pai, o que permite a instalação de um mandamento moral que coibi os impulsos primitivos.

O primevo individual parece vir à luz no coletivo, podendo predominar uma dinâmica análoga aquela dos processos primários. Conforme avalia Peixoto Junior (1999), um indivíduo pode agir de maneira peculiar, quando influenciado pelo que configura o coletivo; o funcionamento coletivo tende a funcionar na contramão da racionalidade, ou seja, predominando aquilo que concerne ao inconsciente. Na análise deste autor, o que mais

aproxima o pensamento de Freud ao de Le Bon é que, para ambos, “é possível decifrar o normal a partir do patológico, que aqui não deve ser entendido como uma anormalidade, mas sim como uma arquinormalidade ou normalidade originária, isto é, inconsciente” (p. 123).

Uma via de análise para compreensão da vida psíquica inconsciente ser realçada no âmbito coletivo é a partir da dinâmica onírica. Ao afirmar que a massa “não conhece dúvida nem incerteza” (Freud, 1921/2011, p. 26), o autor destaca em notas de rodapé sua similaridade com o trabalho dos sonhos. As produções oníricas obedecem ao funcionamento dos processos primários e, assim como na massa, não há dúvidas quanto ao que é ou não verdadeiro. Freud (1921/2011) demonstra que “como no sonho e na hipnose, na atividade anímica da massa a prova da realidade recua, ante a força dos desejos investidos de afeto” (p. 30). Outro elemento onírico presente na massa é o predomínio de impulsos afetivos intensos, semelhantes à vida afetiva infantil. Freud (1921/2011) afirma que: “Inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (p. 27).

Como é possível observar, essas concepções acerca do que constitui a massa admitem uma aproximação íntima entre a vida psíquica infantil, o primitivo e os sonhos. O antigo da civilização é despertado no atual da organização social, que necessita de um representante soberano o qual os indivíduos se identificam e procuram obedecer, podendo ocorrer a ambivalência de sentimentos presentes no mundo infantil acerca das figuras parentais. A fantasia de realização imediata dos desejos também é despertada no coletivo, como uma espécie de narcisismo renovado, quando do atendimento dos ideais que compõe esse coletivo. Assim como nos sonhos, na massa o afeto é intensificado, com potencial de produzir “... no indivíduo uma impressão de poder ilimitado e perigo indomável” (Freud, 1921/2011, p. 36).

Apesar de algumas semelhanças do estudo de Le Bon com as proposições de Freud, podemos observar que este último não assume uma equiparação total de suas ideias com o primeiro. Freud (1921/2011) levanta algumas noções do autor sobre o potencial de sugestionabilidade que a alma coletiva exerce sobre cada indivíduo que, por sua vez, contagia os demais membros. Nessa concepção o coletivo se sobressai ao individual, sufocando as ideias e sentimentos de cada indivíduo em prol da predominância dos princípios da massa. Contudo, o que Freud (1921/2011) destaca é que a sugestão, a imitação ou o contágio são fenômenos que podem ser concebidos a partir da ênfase no fator afetivo. A singularidade do indivíduo pode ser abandonada, não por pura obediência ao líder ou por conformidade aos pares, mas “por amor a eles” (p. 45).

Conforme Peixoto Junior (1999), “a teoria freudiana não se satisfaz com uma explicação sobre o exercício do poder na sociedade pautada no prestígio sugestivo do chefe sobre uma sugestionabilidade simétrica de seus subordinados” (p. 124). O autor reconhece ser essa a principal disparidade dos pensamentos de Le Bon e Freud, quando da substituição do fenômeno da sugestão pelas noções de libido, no que correspondem aos laços afetivos e vínculos amorosos.

Ao levantar hipóteses acerca da formação de uma massa psicológica, Freud (1921/2011) indica possibilidades de qualquer agrupamento vir a se constituir como tal, desde que laços sejam estabelecidos. Outro pressuposto freudiano é de que uma ideia, uma abstração, um desejo partilhado pela maioria, pode substituir a figura de um líder para que a formação de uma alma coletiva aconteça. Em linhas gerais, Freud (1921/2011) afirma que, o que caracteriza a estrutura de uma massa são as ligações libidinais.

É importante destacar que quando Freud (1921/2011) indica que a formação de um coletivo é composta por ligações libidinais, este não se refere apenas ao amor infantil, puro e

ilusório, pois mesmo na ocasião primária de nossa constituição, a hostilidade se apresenta como afeto necessário para o estabelecimento da alteridade. O autor afirma que “... quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas – matrimônio, amizade, o vínculo entre pais e filhos – contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido à repressão não é percebido” (p. 56). Ele prossegue e diz que “o mesmo ocorre quando as pessoas se juntam em unidades maiores” (p. 57). Para o autor, o modo como os seres humanos agem afetivamente uns com os outros pode ser percebido na formação dos vínculos estabelecidos desde a base da constituição até as formações culturais mais complexas:

Etnias bastante aparentadas se repelem, o alemão do sul não tolera o alemão do norte, o inglês diz cobras e lagartos do escocês, o espanhol despreza o português. Já não nos surpreende que diferenças maiores resultam numa aversão difícil de superar, como a do gaulês pelo germano, do ariano pelo semita, do branco pelo homem de cor. (Freud, 1921/2011, p. 57)

Uma nota de rodapé salta aos nossos olhos quando Freud (1921/2011) fala do vínculo estabelecido entre pais e filhos e da ambivalência de sentimentos presentes nessa ocasião, pois reconhece haver uma exceção. O autor destaca que a relação entre mãe e filho, por se basear no narcisismo primário, pode não ser perturbada pela rivalidade, se tornando o esboço da escolha objetal posterior. Compreende-se com essa passagem que no grande grupo, a aversão com a alteridade realça uma possível ameaça ao narcisismo primário, logo, ao Eu ideal. Freud (1921/2011) afirma que, o afeto de antipatia para com estranhos, evoca a manifestação de “... um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modificá-los” (p. 57).

Para ilustrar o que estamos trabalhando, retomamos os conteúdos apresentados na Tabela 1, onde demonstramos que a grandeza do Eu é submetida a oscilações por intermédio do âmbito relacional do indivíduo. O primitivo estado de onipotência, típico de uma relação

narcísica de objeto, pode aumentar o sentimento que o indivíduo tem acerca de si mesmo. Amar em conformidade ao estágio inicial da libido, em que o Eu e o objeto ainda não são dissociados, alude a um superinvestimento no próprio Eu que, por sua vez, toma a imagem de si mesmo como referência ideal. Podemos avaliar que, na alma coletiva, os entraves frente à alteridade podem denunciar uma busca do aumento do sentimento de si em detrimento à intolerância do outro, do diferente, do estranho, aquele que ameaça a alienação primordial, sede do Eu ideal.

Agora avaliamos algumas possibilidades na diminuição do sentimento de si. O transbordamento da libido do Eu para o objeto e, por conseguinte, a dependência do objeto de amor, pode acarretar um rebaixamento na grandeza do Eu. O sentimento de inferioridade que um indivíduo pode enfrentar, frente ao objeto superestimado, denota seu receio em não ser amado. Na massa, os princípios de um grupo, ou mesmo, a figura de um líder, podem ocupar o lugar de objeto idealizado, para o qual a libido do Eu é deslocada. Um indivíduo pode buscar se submeter às premissas impostas pelo grupo, atendendo aos seus ideais e, fantasiosamente, garantir seu amor.

Nos valem dos exemplos acima, para entrar numa questão primordial do estudo freudiano sobre as massas, a identificação. Freud (1921/2011) afirma que:

Nas relações sociais entre os homens ocorre o mesmo que a investigação psicanalítica descobriu no curso de desenvolvimento da libido individual. A libido se apoia na satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que nela participam. Tal como no indivíduo, também no desenvolvimento da humanidade inteira é o amor que atua como fator cultural, *no sentido de uma mudança do egoísmo em altruísmo* (grifo nosso, p. 59)

A referida mudança do egoísmo ao altruísmo denota a importância ocupada pelo outro na trama da constituição subjetiva. Como já havia sido trabalhado por Freud (1914/2010), para que o Eu se desenvolva é necessário um afastamento do narcisismo primário. Podemos observar que algo semelhante ocorre com o Eu no estabelecimento da alteridade a partir da

sua entrada na cultura. Freud (1921/2011) discorre que os mecanismos de ligação afetiva presentes na vida sexual do indivíduo, como o investimento de objeto, também se apresentam no tema da psicologia das massas, “as chamadas *identificações*” (grifo no original, p. 60).

O autor afirma que “a psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921/2011, p. 60). Ele destaca que a identificação remonta um estágio pré-edípico, ou seja, narcísico. A partir de um exemplo hipotético, o autor descreve:

O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal. ... Simultaneamente a essa identificação com o pai, talvez até antes, o menino começou a empreender um verdadeiro investimento objetal na mãe, do tipo ‘por apoio’. (Freud, 1921/2011, p. 60-61)

O que entra em cena nesse momento é a dinâmica relacional do complexo de Édipo. Fenômeno caro à psicanálise, foi citado por Freud pela primeira vez em 1897, em correspondência à Fliess (Freud, 1892–1899/1969), tendo ganho novos desdobramentos ao longo das obras. Freud (1921/2011) se utiliza do fenômeno para exemplificar o mecanismo de identificação. Esta primeira forma de identificação descrita por Freud (1921/2011) evidencia uma característica fundamental para sua compreensão: a ambivalência. Inicialmente a criança pode tomar a figura do pai como modelo e a mãe como objeto de amor. A identificação com o pai pode se tornar hostil, pois esta figura é um obstáculo para o alcance do objeto desejado. Dessa forma, “... desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação” (Freud, 1921/2011, p. 61).

O inverso também pode ocorrer na dinâmica edípica. Freud (1921/2011) demonstra que a identificação com o pai pode sofrer outro destino, a de tomá-lo como objeto no lugar da mãe. O autor resume que, no primeiro caso, a criança elege o pai como a imagem daquilo que ela gostaria de ser e, no segundo, aquilo que ela gostaria de ter. No primeiro tipo, “... a

identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por ‘modelo’” (p. 62).

A segunda maneira de ocorrer o mecanismo de identificação é a partir da via regressiva. Freud (1921/2011) sustenta que o Eu pode adotar características do objeto investido, seja por amor ou por ódio a ele. Ilustrando essa ocasião, o autor demonstra que a partir da formação de sintomas, uma pessoa pode estar ligada afetivamente a outra. Um exemplo é de uma menina que desenvolve a mesma tosse que atormentava sua mãe, o que denotava sua identificação com essa figura a partir do sofrimento. Esta ocasião indica “... um desejo hostil de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa o amor objetal ao pai; ela realiza a substituição da mãe sob a influência da consciência da culpa: ‘Você quis ser a mãe, e agora o é pelo menos no sofrimento’” (Freud, 1921/2011, p. 63). O oposto pode ser notado no caso Dora, em *Análise fragmentária de uma histeria*, texto publicado em 1905. Dora sofre da tosse do pai, portanto, neste caso o sintoma se assemelha à pessoa amada.

Por fim, o terceiro exemplo da operação do mecanismo de identificação é descrito por Freud (1921/2011) no contexto grupal entre garotas, membros de um pensionato. Uma das garotas, a qual sustenta um amor secreto, recebe uma carta da pessoa amada; o conteúdo da carta lhe desperta o sentimento de ciúme, provocando um ataque histérico. Essa reação é reproduzida por suas amigas que, desejando também possuírem um amor secreto, se identificam com a garota. Na ocasião, “a identificação desconsidera totalmente a relação objetal com a pessoa copiada” (p. 64), evidenciando o poder do laço afetivo estabelecido com o grupo.

Como visto ao longo dessa seção, as experiências de subjetivação no âmbito individual correspondem analogicamente com aquelas do social. Os fenômenos relacionais da infância, dotados de uma dinâmica inconsciente e primitiva, comparecem de forma similar no

contexto cultural. Freud (1921/2011) nos demonstra que a identificação assume um papel importante no grupo, originada nos laços afetivos construídos. Esse mecanismo pode surgir como resposta daquilo que há em comum entre os membros de um coletivo e, comumente, alude ao campo inconsciente, perpassando afetos ambivalentes e desejos reprimidos.

Ao longo desse capítulo realizamos um estudo ao que se refere ao processo de constituição do Eu, assumido como conceito dentro da psicanálise. Partindo das primeiras anotações nas pesquisas de Freud, foi possível identificar algumas mudanças ocorridas na teoria, que passou a enfatizar o campo sexual e inconsciente para a formação do Eu. A teoria do narcisismo foi nossa base de investigação que permitiu localizar a relevância do outro para o percurso das identificações entre as esferas individual e social. Destacamos que o processo de constituição subjetiva não obedece a uma linearidade, visto que as relações atuais podem ressoar um passado inconsciente, este marcado pelo narcisismo constitutivo de cada Eu envolvido em um coletivo. No próximo capítulo apresentamos reflexões acerca dessas questões quando da participação da virtualidade no plano das relações, localizando-as na clínica e na cultura.

Capítulo 3: Virtualização

Não apenas parece um conto de fadas; é mesmo o cumprimento de todos os – não, da maioria dos – desejos dos contos, isso que o homem, por meio de sua ciência e técnica, realizou nesta Terra onde ele surgiu primeiramente como um fraco animal, e onde cada indivíduo de sua espécie tem que novamente entrar como uma desamparada criança de peito.
O mal-estar na civilização
Freud (1930)

Nosso estudo foi iniciado com um movimento retrospectivo de fatores sócio-históricos no que se refere às mudanças ocorridas desde a Modernidade no campo das ferramentas de comunicação, demonstrando sua relação com o advento de uma subjetividade individualizada e suas circulações entre as esferas pública e privada. Em seguida, foi realizado um estudo teórico de alguns conceitos psicanalíticos acerca da concepção do Eu e de seus desdobramentos nesse referencial. O percurso até aqui foi construído em torno de uma contextualização e conceituação do nosso tema. Reconhecemos como um movimento necessário para as articulações que se apresentam neste capítulo final.

O objetivo desse capítulo é apresentar de que maneira o uso de algumas ferramentas de comunicação, em especial aquelas do mundo virtual, participa das experiências de subjetivação e das trocas no âmbito relacional dos indivíduos na atualidade. Elegemos o Eu e seus componentes inconscientes, como as instâncias ideais e o sentimento de si, como objetos de nossa investigação. A partir de alguns autores que estudam a temática, procuramos fazer articulações com os tópicos já trabalhados nos capítulos anteriores, somando novas perspectivas com apoio na clínica e na cultura.

Conforme apresenta Mezan (2002), a subjetividade engloba inúmeras determinações que vão além da individualidade, o que evidencia o comparecimento da esfera cultural em um determinado tempo e espaço. O autor afirma: “quem diz subjetividade, diz modo ou modos de

ser. Por isso, é na região do narcisismo, do ego e das instancias ideais ... que a meu ver operam os mecanismos que estou tentando caracterizar” (p. 203). No que se refere ao momento atual, o autor aponta a necessidade de relativizarmos a ideia de um possível impacto das tecnologias para as chamadas “subjetividades contemporâneas” (p. 195). Para ele “não é porque se inventou o computador ou o telefone celular que as estruturas psíquicas vão se alterar do dia para a noite” (p. 195).

Falar que as novas tecnologias causam um impacto, para Lévy (2010), é inadequado e criticável. O autor elabora que por esse viés pode se passar uma ideia de que “as técnicas viriam de outro planeta, do mundo das máquinas, frio, sem emoção, estranho a toda significação e qualquer valor humano ...” (p. 21). Para ele, a tecnologia não é um ator autônomo apartado da sociedade e da cultura, pois, nessa lógica, essas últimas seriam consideradas entidades passivas e à mercê de forças externas.

Somando as afirmações desses autores, sustentamos que nossa pesquisa foca na participação, e não no impacto, dos meios de comunicação para as formas atuais de subjetivação. Não é sobre a criação de um aparelho, mas sim o uso que se faz dele que evidenciamos como relevante para as nossas reflexões.

3.1 Os ideais da cibercultura

Vimos ao longo do segundo capítulo que, tendo como base o narcisismo, construímos uma noção de nós mesmos mediante trocas subjetivas que fomentam o surgimento de uma primeira imagem a se constituir como o Eu. No decorrer do processo subjetivo, outros componentes se agregam a essa primeira forma, fornecendo a ela novos parâmetros para o devir das identificações. O fator social se revela como indispensável para a construção das instâncias ideais as quais o Eu se apoia para dimensionar o sentimento que constrói acerca de

si mesmo. Podemos verificar que é no campo das relações que todo o processo subjetivo se sucede, tanto na base da constituição como nas experiências atuais – em certa medida, os âmbitos individuais e coletivos se entrelaçam.

Conforme desenvolvido por Freud (1930/2010), “a evolução cultural nos surge como um processo peculiar que se desenrola na humanidade, no qual muita coisa quer nos parecer familiar” (p. 58). O autor reconhece haver uma “... semelhança entre o processo de civilização e o desenvolvimento libidinal do indivíduo” (p. 59). Ele se refere à diversos exemplos de como as sociedades se organizaram em torno de evoluções culturais para tentar barrar as fontes de sofrimento advindas da natureza, do próprio corpo e dos vínculos humanos. Entre essas evoluções é destacado o campo das técnicas, à medida que, “se voltarmos atrás no tempo, os primeiros atos culturais foram o uso de instrumentos, o domínio sobre o fogo, a construção de moradias” (p. 50). O autor afirma:

O ser humano tornou-se, por assim dizer, uma espécie de deus protético, realmente admirável quando coloca todos os seus órgãos auxiliares; mas estes não cresceram com ele, e ocasionalmente lhe dão ainda muito trabalho. Ele tem o direito de consolar-se, porém, com o fato de que essa evolução não terminará justamente no ano da graça de 1930. Épocas futuras trarão novos, inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura, aumentarão ainda mais a semelhança com Deus. (p. 52)

Mesmo com o sentimento de conquista da humanidade acerca das realizações e progressos da técnica e da ciência, Freud (1930/2010) contesta se o grau de satisfação e de felicidade tenham sido elevados. Para ele, a função do progresso técnico para a humanidade se subjaz numa tentativa de aprimorar os órgãos do sentido e, fantasiosamente, adquirir atributos de onipotência e onisciência, aproximando-se com um ideal divino.

Envolvida em pesquisas acerca das interações humanas no ciberespaço há mais de 30 anos, Turkle (1999) colabora com algumas questões relevantes ao nosso estudo. Assim como demonstrado por Lévy (2003) no primeiro capítulo, ela discorda da oposição entre o virtual e o real. Para ela, o que se passa em um ambiente virtual pode exigir grande investimento de

energia emocional, o que torna essa experiência parte das nossas vidas. A autora avalia que “para muitas pessoas, a comunidade virtual permite uma expressão mais livre dos inúmeros aspectos de si mesmas” (p. 199), algo que se passa entre as esferas pública e privada.

Essa liberdade para expressar o que quiser acerca de si mesmo, um ideal de autonomia sustentado pelo período moderno e propagado até ao momento atual, revela novamente sua ambiguidade. Conforme Mezan (2002), os padrões sustentados pelo mercado e pela publicidade são apresentados ao público como modelos identificatórios controversos. Com uma configuração disfarçada de autonomia, esses modelos podem, na verdade, incitar uma aderência conformista. Para o autor, há um imperativo propagado pelos meios de comunicação em massa com ênfase à valorização da espontaneidade, do ‘seja você mesmo’, principalmente em torno dos ideais estabelecidos pelo mercado e pela publicidade.

Em uma reflexão sobre os meios de comunicação em massa, Lasch (1983) elabora sobre o culto narcisista da fama e glória que permeia a vida do homem comum, como consequência do encantamento proporcionado pela sétima arte. Ele afirma que a mídia proporciona elementos de identificação com a vida das celebridades, o que dificulta a aceitação de um cotidiano de existência banal. Todavia, pode-se pensar que as tecnologias virtuais conectadas à rede têm proporcionado uma transformação dessa lógica proposta pelo autor. A seguir é possível verificar que a vida cotidiana se tornou um cenário do espetáculo narcísico, tendo o Eu como protagonista.

Como trabalhado no primeiro capítulo dessa pesquisa, as marcas modernas de subjetivação se apresentam na atualidade com nova roupagem. Podemos avaliar que vivenciamos um período de mudanças significativas referente ao âmbito público e privado, o que provavelmente incide na relação do sujeito com sua experiência subjetiva. Na Modernidade, as atividades de registro de informações pessoais em diários íntimos, e mais

tarde, a reunião de fotografias, se apresentavam como uma maneira de congelar o tempo e reviver histórias. Sibilia (2008) afirma que no espaço virtual as novas versões da escrita de si possuem um estatuto ambíguo, pois ao mesmo tempo que podem carregar a característica de uma prática solitária, exigem uma conduta de publicidade total e instantânea. Com o advento da internet, podemos conjecturar que a escrita de si se transformou em uma prática de produção e publicação da imagem de si, possibilitada pelo avanço das ferramentas de comunicação.

Enquanto Sennett (1988) descreve a importância dos *coffeehouse* para a sociabilidade e para a partilha de informações na Modernidade, Turkle (1999) considera que as comunidades virtuais passam a obter atualmente esse estatuto. A diferença é que as comunidades virtuais “não possuem a intimidade da família nem o anonimato da rua. Posicionam-se entre o público e o privado” (Turkle, 1999, p. 121). Para a autora, um aspecto atraente do ciberespaço é a disponibilidade do outro que numa espécie de atenção recíproca, estimula uma forma particular de intimidade através da comunicação.

Concordamos com Sibilia (2008) quando ela afirma que a “exibição pública da intimidade não é uma miudeza que mereça ser menosprezada” (p. 58). Ela reconhece que a prática da escrita de diários íntimos foi convertida em publicações de imagens, vídeos e mensagens instantâneas via internet, o que aponta para uma prática cultural já existente, mas com o sentido alterado. A autora afirma que o objetivo principal da “estilização do eu consiste precisamente em conquistar a visibilidade” (p. 75), sendo o anonimato pouco desejável.

Avaliando o cenário cultural da atualidade, Sibilia (2008) expressa que “a profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de se exibir diante dos olhares alheios e, desse modo, tornar-se um *eu* visível” (grifo no original, p. 111). Para ela, numa cultura em que as aparências, o espetáculo e a visibilidade são valorizadas, a construção da subjetividade não é

mediada pelo trato com o espaço interior e com os próprios conflitos psíquicos e, sim, por tendências exibicionistas que objetivam o reconhecimento do outro, numa lógica em que é preciso ‘aparecer para ser’.

A atitude de uma pessoa em voltar-se para as telas ao invés do seu mundo interior é destacado por Turkle (2015) como um hábito de uma cultura que valoriza o compartilhamento constante nas mídias sociais. A partir do trabalho em escolas nos Estados Unidos, a autora demonstra que “em alguns momentos as pessoas dizem que precisam postar uma ideia ou um sentimento para que possam pensar, ou sentir” (tradução nossa, p. 33). Para ela, essas atitudes coadunam numa filosofia do “I share, therefore I am [compartilho, logo existo]” (p. 33).

Turkle (2015) revela, a partir do relato de professores, que os pais dos alunos os estimulam a frequentar diversas atividades extracurriculares para que ocupem o máximo do tempo. Quando conseguem um tempo livre, os jovens usufruem da imensa oferta de conexão virtual, expressando um desejo de se sentirem parte de algo. Ela afirma: “Essa é a mensagem das nossas mensagens: nós estamos no radar de alguém” (tradução nossa, p. 35).

‘Propagabilidade’ é o termo escolhido por Jenkins (2015) para nomear a prática cultural de compartilhamento e circulação de conteúdos pelo ciberespaço. O autor demonstra o poder que uma informação lançada on-line pode ter em termos de alcance global, além de reafirmar a importância dos usuários para que a propagabilidade suceda. Uma pesquisa revela que “o usuário médio global da internet recebe por semana 26 notícias com uma história através de mídias sociais ou por e-mail, e compartilha on-line 13 notícias com uma história” (Jenkins, 2015, p. 34). Além disso, o autor reconhece que boa parte do que é compartilhado atualmente nas redes é do âmbito do entretenimento. A avaliação de Turkle (2015) sobre esse aspecto, é a de que o mundo virtual nos apresenta com um volume e velocidade de informações que, mesmo tentando acompanhar, fracassamos.

É importante lembrar que o que recebemos do mundo virtual é resultado de um trabalho colaborativo de pessoas que alimentam o ciberespaço desde sua criação (Castells, 2003). Podemos refletir que há uma dinâmica de retroalimentação em cena, o que em outras palavras quer dizer que, não somos passivos ao que a internet nos oferece, pois de uma forma exibicionista ou *voyeurista*, contribuímos com o que é compartilhado. Ou nas palavras de Mallmann (2016), “enquanto uns se mostram, outros espiam” (p. 49).

Conforme os autores pesquisados (Sibilia, 2008; Turkle, 1999, 2015; Jenkins, 2015, Mallmann, 2016) podemos verificar que a cibercultura sustenta um ideal do compartilhamento constante, alimentando um sentimento individual de pertencimento a um coletivo conectado. O sentido de interioridade, apresentado por Santi (2003) para descrever um dos marcos do surgimento da Modernidade, parece deslocar-se para o de exterioridade. Estar em contato regular com outro através do mundo virtual compõe o processo de subjetivação pós-moderno. O ambiente íntimo do lar abre espaço para as janelas virtuais participarem do exercício da privacidade.

Outra transformação da cibercultura digna de nota se apoia em uma forma de entretenimento. Conforme detalhado por Sennett (1988), as peças teatrais ocupavam um lugar importante para a cultura ocidental do século XIX. O autor aponta que as expressões artísticas nos palcos proporcionavam que os espectadores se deparassem com gestos e atitudes mais genuínas em comparação ao que era permitido no âmbito público das ruas. O que o teatro fez pelos indivíduos no período moderno parece retornar no mundo virtual com algumas peculiaridades. É o que demonstra Suler (2004) ao afirmar que:

A comunicação de texto on-line pode evoluir para uma tapeçaria psicológica introjetada, na qual a mente de uma pessoa tece alguns papéis da fantasia, geralmente inconscientemente e com considerável desinibição. O ciberespaço pode se tornar um palco e nós somos meros atores. (tradução nossa, p. 323)

Suler (2004) sustenta que o mundo virtual é configurado em torno de algumas características que permitem que as pessoas se comportem diferentemente de como fariam na presença do outro. De acordo com ele, ao usar a internet nossa inibição esvanece, podendo trabalhar em direções opostas: enquanto algumas pessoas compartilham informações bem pessoais acerca delas mesmas, perpassando emoções, sonhos, medos e atos de generosidade, outras, se utilizam de uma linguagem rude, expressando raiva, críticas e até ameaças.

Consideramos necessário destacar que as transformações apontadas não correspondem a uma consequência atribuída estritamente ao surgimento da internet. Como apresentamos no primeiro capítulo, as transformações ocorridas no campo das comunicações e, logo, nas formas de subjetivação, caminharam para a configuração atual em um movimento histórico dinâmico entre indivíduos e sociedade. De acordo com Elias (2010), “a história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (p. 45). Conforme destacado pelo autor, aquilo que sentimos como sendo nossa vinda íntima é consoante com o entrelaçamento das relações estabelecidas ao longo da história coletiva e individual.

Podemos evocar o que Freud (1921/2011) desenvolve em sua análise da alma coletiva para correlacionar com o que estamos trabalhando sobre a cibercultura. O autor avalia que um grupo é constituído a partir dos laços afetivos estabelecidos entre seus membros, que podem passar a se identificar conforme uma ideia ou abstração que os vinculem. Como desenvolvido até aqui, a cibercultura reforça um princípio de conexão virtual constante, vislumbrando a exibição pública da intimidade para um coletivo de espectadores atentos. O processo de identificação atual pode estar relacionado ao atendimento de um ideal de protagonização do Eu mediante investimento do outro, algo que alude a um período bem característico da constituição.

Como nos mostra Freud (1921/2011), o coletivo pode invocar algo da natureza arcaica dos indivíduos. As imagens são a forma de comunicação da massa que, assim como nos sonhos, pinta com o que há de mais colorido, intensificando os afetos. O que podemos observar é que o uso de recursos comunicacionais virtuais não traz algo novo *per se*, mas resgata o antigo. O primitivo da nossa constituição, o momento narcísico de investimento de objetos, parece transbordar naquilo que é idealizado pela cibercultura.

3.2 Reavendo o narcisismo

A cultura da publicação da intimidade parece acomodar configurações rudimentares da constituição da imagem ideal proveniente de investimentos narcísicos primordiais, quando da disponibilidade e atenção absoluta do outro. Se, para Freud (1905/2017), a libido ligada ao olhar é uma substituição do toque, é possível refletir que, atualmente, o olhar e o tocar se articulam numa dinâmica metapsicológica e tecnológica. Pela função *touchscreen*, presente na maioria dos aparelhos *smartphones*, é possível tocar, olhar e saber do outro em sua intimidade, conferindo aos usuários um lugar simultâneo de exibicionismo e *voyeurismo*. Como formula Freud (1915/2010), a forma ativa e passiva do prazer de ver coexiste com a fase preliminar autoerótica, o que indica a ambivalência presente desde o início na formação do Eu a partir do narcisismo. Na atualidade, o Eu pode ser tocado e olhado continuamente pelo outro, o que provavelmente possibilita um reencontro dos ideais a partir das trocas narcísicas estabelecidas com objetos na esfera relacional.

Lemma (2015) confere ao ciberespaço um lugar onde as pessoas podem se sentir totalmente em controle, pois tudo o que querem está a um clique de distância. Manifesta que o virtual é mais do que o encontro de mentes conectadas, afirmando que o corpo também participa dessa interação, mesmo que mediada pela tecnologia. Na análise da autora, embora

conectados, ainda estamos personificados. Ela reflete sobre em que medida as atividades on-line participam das experiências off-line de construção do senso de identidade. Como exemplo, cita os jogos digitais em que o usuário pode criar um avatar pessoal. A identidade que alguns indivíduos criam para os personagens demonstra que o ciberespaço é um ambiente onde eles podem personificar os próprios ideais. Entretanto, ela adverte:

Discrepâncias muito grandes entre a imagem corporal off-line e o personagem podem levar alguns indivíduos a preferirem ou até se fixarem no próprio avatar, resultando numa dominância psíquica do virtual sobre o não-virtual, o que pode resultar em indivíduos que passam mais tempo em um estado onde o *sentimento de si* é percebido como aprimorado. (tradução e grifo nosso, p. 577)

A autora sustenta que essa experiência aponta para um estado narcísico de completa onipotência, onde as leis do princípio de realidade não se aplicam. Sendo o sentimento de si uma expressão da grandeza da unidade do Eu, observamos que nesse exemplo ele é exaltado, pois fornece ao Eu uma amplitude típica de satisfação das fantasias de atendimento ao ideal narcísico.

Em uma análise sobre a cultura vigente, Oliveira e Ceccarelli (2015) afirmam que as pessoas estão sempre diante de uma realidade psíquica, independentemente das relações serem virtuais ou presenciais. Os autores sustentam que as experiências digitais podem ser entendidas como uma nova roupagem para suporte das fantasias narcísicas, à medida que permite a busca por realização dos ideais. Para eles, a internet rompe as barreiras do tempo e do espaço, encurtando distâncias e idealizando diversos aspectos da vida cotidiana, proporcionando um ‘estilo de vida’ que flerta com a perfeição. Eles afirmam que pelo viés da economia libidinal, as relações virtuais possuem aspectos semelhantes com a lógica inconsciente, portanto, é possível uma aproximação dessas vivências com a vida psíquica infantil.

O que Turkle (2015) desenvolve acerca da prontidão do outro on-line parece remeter ao que os autores apontam como sendo vinculado à vivência narcísica. A autora demonstra que quando on-line, as pessoas tendem a mensurar o sentimento de si a partir do que elas consideram que as outras pessoas vão usufruir daquilo que elas têm a dizer ou a mostrar nas mídias sociais. Essas atitudes aludem a um movimento de responder prioritariamente as demandas externas, que podem passar a ser uma referência de como uma pessoa constrói a noção de si mesma.

Nas décadas iniciais da irrupção da internet, Birman (1997) já avaliava a importância da contemplação do outro para o realce do registro narcísico do Eu. Elabora que a subjetividade pós-moderna se fundamenta numa estetização da existência, “... na medida em que só se investe no outro se isso implicar um retorno engrandecedor para o eu do indivíduo” (p. 228). O autor sustenta que o laço amoroso pode passar para o segundo plano na relação tecnológica, pois o enaltecimento do Eu se sucede mediante maximização da satisfação pessoal. Nesse contexto, “o outro vale então na medida em que pode ser um corpo a ser consumido e devastado para o gozo do indivíduo, sem que este se preocupe pelo desejo e pelos sentimentos do outro” (p. 229).

Na cultura que valoriza a exposição da intimidade, em que o outro ocupa um lugar de validação da experiência subjetiva mediante exaltação do Eu, podemos observar a possibilidade de estar sendo posta em xeque a problemática da alteridade. Para Birman (1997), quando a construção da identidade se apoia primordialmente na imagem de si, o individualismo se sobrepõe à intersubjetividade, abolindo a diferença necessária para o estabelecimento da alteridade. Suler (2004) caminha nessa direção e afirma que “a filosofia tradicional da internet sustenta que todos são iguais, que o propósito da rede é compartilhar ideias e recursos entre os pares” (tradução nossa, p. 324).

Suler (2004) assinala que as diferentes modalidades de comunicação on-line (e-mail, chat, vídeo) podem facilitar aos indivíduos a manifestação de diversas expressões de si mesmos. Além da visibilidade, o autor demonstra que outras configurações do ciberespaço podem levar ao que ele reconhece por “the online disinhibition effect” [o efeito desinibidor on-line] (p. 321). O autor revela que em alguns casos, o anonimato proporcionado pela rede pode se tornar um atrativo a atitudes hostis de alguns usuários que, evitando a responsabilidade pelos próprios atos, suspendem temporariamente as restrições da consciência moral.

Estar sob o radar de olhares alheios possibilita a construção do que Sibilia (2008) chama de uma “subjetividade alterdirigida” (p. 244). A autora reconhece que as novas formas de comunicação em rede se apresentam como uma ferramenta para a criação de si sustentada pela legitimação do outro. Em sua análise sobre a transposição dos diários íntimos para o ambiente das mídias sociais, ela desenvolve que o autor é tomado como obra, surgindo a possibilidade do próprio Eu se tornar um objeto a ser apreciado. Reitera que a construção da subjetividade no espaço virtual se caracteriza como alterdirigida, à medida que se confirma pela assistência do espelho legitimador do olhar do outro. A depender da natureza do uso dos recursos virtuais, alguns indivíduos procuram a partir do olhar do outro, “ficcionalizar sua intimidade e exibi-la sob a luz da mais resplandecente visibilidade” (Sibilia, 2008, p. 241).

Consideramos que o anonimato destacado por Suler (2004) e a visibilidade referida por Sibilia (2008) não são simples opostos, mas complementares à experiência de subjetivação oferecida pela cibercultura. As duas propriedades dos meios virtuais de comunicação apontadas pelos autores parecem convergir na ênfase destinada ao registro narcísico do Eu. De um lado, um indivíduo pode recorrer ao anonimato para hostilizar seus rivais, do outro, usufrui da visibilidade para fomentar seus ideais validados pelos pares. Em

ambos os casos, podemos observar o comparecimento do primevo da constituição narcísica. A identificação como mecanismo de laço afetivo revela sua ambiguidade no mundo virtual: parece ser sustentada pelo investimento no semelhante, o qual se aliena, e a rivalidade como escopo da renúncia à diferença, ou como dito por Freud (1921/2011), “... um narcisismo que se empenha na afirmação de si...” (p. 57).

Lemma (2015) acrescenta que o anonimato também pode auxiliar alguns sujeitos na exploração de preferências pessoais, as quais estes não se sentiriam seguros ao fazer no mundo off-line. A partir de um estudo de caso clínico ela aponta que “alguns indivíduos assumem intencionalmente uma identidade diferente no ciberespaço (ex: troca de gênero) no objetivo de explorar e expressar verdades ocultas acerca deles mesmos” (tradução nossa, p. 573).

Contudo, Lemma (2015) reconhece a possibilidade de, a depender do uso que se faça desses recursos, se evidenciar uma negação de conflitos pessoais e do seu não enfrentamento, ao passo da dependência de uma validação alheia. Ela afirma que o mundo virtual pode ser caracterizado como um lugar propício para a predominância de sentimentos narcísicos, como o de onipotência. Demonstra que idealmente, o ciberespaço proporciona a fantasia de superação dos limites constitutivos de um Eu corporificado – o que representa um retorno ao narcisismo primário. Abaixo articulamos as colocações dos autores citados nessa seção com uma sumarização do que foi trabalhado no segundo capítulo do nosso estudo.

A partir de alguns autores (Freud, 1914/2010, 1921/2011; Lacan, 1949/1998; Dolto, 1984; Anzieu, 1989; Birman, 1997; Garcia-Roza, 2004; Mezan, 2013) demonstramos que, a constituição subjetiva é composta por uma dinâmica relacional que fornece ao indivíduo um contorno ao seu corpo, necessário para a formação do Eu e, posteriormente, para o estabelecimento da alteridade. Inicialmente alienado a um semelhante, o bebê usufrui do seu

lugar majestoso onde impera a busca por satisfação imediata, momento em que lhe são revogados os infortúnios da vida. No desenrolar do processo, um afastamento do narcisismo primário permite uma mudança do egoísmo ao altruísmo, o que representa um movimento de aculturamento para o Eu, que pode passar a se identificar e a investir em novas referências objetais para busca de satisfação.

Conforme os autores pesquisados nesse capítulo (Suler, 2004; Turkle, 1999, 2015; Sibilia, 2008; Lemma, 2015; Oliveira & Ceccarelli, 2015) é possível perceber que alguns atributos do ciberespaço podem incidir no que é primitivo do Eu, seu registro narcísico. A disponibilidade do outro, seja quem for e onde estiver, possibilita ao indivíduo a busca por validação de suas referências ideais, tanto em termos de identificação como de escolha objetal. Estar em conformidade com o que é valorizado pela cibercultura permite um dimensionamento ao sentimento de si, que se apoia nas trocas relacionais on-line para a mensuração do próprio Eu. As práticas em torno do ‘seja você mesmo’ e do ‘compartilho, logo existo’, parecem desembocar na experiência subjetiva do ‘aparecer para ser’. Em frente a um espelho virtualizado, usufruindo da visibilidade ou mascarando-se através do anonimato, a soberania do Eu pode novamente entrar em cena, protagonizando seus ideais e reavendo seu narcisismo.

3.3 O *smartphone* deitou no divã

Essa seção foi reservada para uma discussão de recortes clínicos os quais aludem à temática central da nossa pesquisa. Conforme Dallazen et al. (2012) a pesquisa deve priorizar algumas cenas de um caso clínico que tenha relação íntima com o tema de investigação. De acordo com os autores, através da construção de alguns fatos clínicos o pesquisador narra uma história que foi desenvolvida na relação analítica, sem se prender a detalhes que possam

identificar os sujeitos envolvidos nas cenas descritas. Não se trata de uma transcrição das sessões, pois o material “... não se refere à história real vivenciada pelo sujeito que a conta, mas à criação de uma ficção por aquele que a escuta, o analista/pesquisador e suas possibilidades de produção inconsciente sobre a fala de seu paciente” (p 51).

Na clínica psicanalítica da atualidade muito se tem discutido a respeito das expressões de sofrimento de ordem narcísica. Lazzarini e Viana (2010) afirmam que o sujeito de hoje encontra um destino de retorno a si mesmo como uma marca da constituição narcísica, fruto da simbiose com o objeto primordial. Demonstram que na clínica comparecem sujeitos que se queixam de um mal estar difuso, que comumente se traduz como um sentimento de vazio interior, remetendo a algo da ordem do desamparo primordial. As autoras elaboram que esses casos se referem a uma constituição narcísica relativa à eleição de objeto com suporte na imagem do próprio Eu, o qual é convertido em seu ideal. Dessa forma, “o indivíduo na sociedade atual tem sido convocado para a busca do perfeito: corpo, status, trabalho, eficiência, estilo e modo de vida” (p. 271).

Santos (2019) reconhece que a clínica atual está localizada em um cenário pouco simbólico. Alguns analisandos se deparam com um desafio ao associar livremente, pois “aparecem silenciosos, apáticos, quase não conseguindo descrever suas queixas e muito menos ainda expressar algum tipo de demanda ...” (p. 70). A autora elabora que vivemos em um tempo de difícil conexão com nossa própria história, tendo como uma das marcas a noção de instantaneidade proporcionada pelo avanço tecnológico. O que o sujeito contemporâneo recebe do mundo virtual incide em sua “... organização pulsional que solicita sempre mais do prazer oferecido, criando uma relação de excessos pulsionais que esbarram na adicção” (p. 70). A oferta e a demanda podem se tornar incompatíveis, o que leva o sujeito a enfrentar

como obstáculo a possibilidade de separação do objeto de prazer e o confronto com a realidade – características emblemáticas de uma organização narcísica primitiva.

Tendo em vista que a tecnologia tem participado do cotidiano das pessoas e também comparece à clínica, Lemma (2015) defende que a psicanálise deve considerar a possibilidade de o virtual também representar um recurso analítico. As experiências on-line comparecem na fala dos analisandos ao associarem livremente durante o percurso de análise e, para Turkle (1999), esses conteúdos podem fornecer “... inúmeras e interessantíssimas maneiras de fazer um trabalho psicológico” (p. 120). Lemma (2015) declara que o mundo do ciberespaço é um ambiente que pode influir na elaboração psíquica, desde que o analista faça um bom uso dessa ferramenta a partir das elaborações do analisando, possibilitando que este se aproprie do que está sendo apresentado e vivenciado dentro de um determinado espaço virtual.

Consideramos importante destacar que, com o uso de recortes clínicos não pretendemos abarcar todas os conceitos trabalhados em nosso estudo, pois se assim fizéssemos, passaríamos uma impressão generalizadora de fenômenos que são complexos. O objetivo com o uso desse material é localizar no “caso a caso” algo que também comparece no coletivo, à medida que “... a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social...” (Freud, 1921/2011, p. 14).

3.3.1 Um caso de ciúmes

Um homem de meia idade comparece à análise com queixas em relação à sua vida amorosa. Afirma ter procurado o processo analítico por recomendação da namorada, que o considera um companheiro ciumento. Revelando ter dificuldades em confiar na parceira, descreve diversos exemplos de situações em que os dois estiveram em conflitos conjugais. Descreve suas atitudes em relação à companheira e suas estratégias para permanecer

informado de todas as relações sociais e profissionais que ela mantém em sua rotina. No decorrer do processo analítico foi possível notar que o mundo virtual participava como um recurso encontrado pelo casal para lidar com as situações de ciúmes.

O analisando afirma que o casal estabeleceu um acordo: quando não estão juntos, precisam enviar a localização em tempo real, através do GPS do celular, informando onde cada um se encontra. Com o uso das mídias sociais e da tecnologia de GPS, o sujeito podia localizá-la instantaneamente, buscando contestar as declarações da namorada acerca de onde e com quem estivera. Em algumas situações, chegou a dirigir até o local para confirmar a veracidade da fala da companheira, o que repercutia no enfraquecimento do laço de confiança de ambos. Quando não estavam separados geograficamente, também não eram raros os momentos em que descrevia o ímpeto de constantemente perguntar com quem ela estava interagindo on-line.

Outros conteúdos associados por ele durante as sessões, se baseiam no receio de que amigos e familiares tentam, com frequência, separar o casal. Acredita que as amigas de sua namorada a convidam para bares e festas no intuito de apresentá-la a outros homens, e que “envenenam a mente dela com mentiras” (sic) em relação a ele. Em uma ocasião, em que o casal estava em casa, uma foto publicada por uma amiga dela em uma mídia social provoca uma elaboração posteriormente em análise. A foto continha a informação do local em que foi tirada, um bar. Mesmo se tratando de uma imagem antiga, o fato de ter sido publicada naquele momento com a localização destacada, fomentou ciúme ao sujeito. Ao elaborar, ele afirma que se não estivesse com ela no momento em que visualizou a foto, concluiria que ela estaria naquele momento se divertindo no bar sem ele, mesmo ela afirmando o contrário.

No recorte clínico supracitado temos anotações sobre a expressão emocional de ciúme que consideramos exemplificar a temática apresentada nessa pesquisa. Freud (1922/2011)

reconhece que o ciúme é um sentimento que pode apontar para uma manifestação de sofrimento narcísico. Esse estado afetivo pode remeter à rivalidade com objetos que se encontram, inconscientemente, no plano ideal do indivíduo. Para Lacan (1938/2003), “representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental” (p. 43). O sujeito ciumento apresenta um significativo interesse pela imagem do suposto rival, o que denota afetos ambíguos e primordiais de identificação e rivalidade.

A expressão de ciúme denota um afronto ao narcisismo, conforme desenvolve Freud (1922/2011), podendo repercutir sentimentos hostis em relação ao suposto oponente. O autor demonstra que, em algumas ocasiões, um indivíduo enciumado também pode sofrer com uma autocrítica, por responsabilizar o próprio Eu pela possível perda amorosa. Afirma que o sentimento de ciúme está enraizado no campo inconsciente do Eu, aparecendo nas relações atuais de um adulto como uma reedição da vida afetiva infantil. “A sensação de completo desamparo...” (p. 211) é uma das vias de sofrimento ao indivíduo que convive com esse afeto em uma relação.

Rios (2013) elabora que “o ciúme tem suas raízes em um momento onde as noções de *eu* e de *outro* estão se esboçando pela primeira vez” (grifo no original, p. 462). Demonstra que o sujeito ciumento lida com a nostalgia de uma imagem que remete a uma fantasia de completude, remontando o processo de identificação primário com objetos primordiais. Afirma que qualquer terceiro que seja introduzido na relação pode representar uma ameaça na separação da dupla fusionada – algo de muito semelhante acontecia com o caso citado acima. O autor trabalha com a ideia de que a imagem do outro pode retificar ao sujeito uma verdade de sua incompletude, de um ideal inalcançável e da ameaça de desintegração do frágil conjunto unificado do Eu.

Na cibercultura, pela disponibilidade instantânea da imagem do Eu e do outro, os indivíduos podem encontrar um terreno fértil para lidar com essa ferida narcísica. A vinheta ilustra o uso de recursos tecnológicos que suplementam aspectos primordiais ao sujeito, relativos as instancias ideais e ao rebaixamento do sentimento de si em decorrência da dependência do objeto de amor.

Para Soler (2016) o desenvolvimento tecnológico, com uma roupagem cintilante e encantadora, proporcionou uma aproximação entre as pessoas. Artificialmente, ampliou de maneira exponencial as possibilidades de relações e, através de instrumentos admiráveis, dilatou “... a circunferência dos investimentos libidinais a dimensões até mesmo planetárias” (p. 15). A autora avalia uma fragilidade dos apegos, fruto de um individualismo que triunfou sobre o coletivo, tendo seus afetos traduzidos em decepções e desconfianças.

Mallmann (2016) descreve que a tecnologia tem servido como extensão do olho de quem sofre de ciúme, que pode acompanhar em tempo real a intimidade do parceiro. Moreira et al. (2017) relatam que “a ilusão da completude narcísica é facilitada pela internet quando ela rompe as ‘distâncias’ físicas” (grifo no original, p. 118). Os autores refletem que as propriedades do mundo digital, que configuram transformações na relação com as dimensões temporal e espacial, sendo essas organizadoras da psiquê, podem pesar na capacidade dos sujeitos em adiarem a satisfação pulsional – ocasião representativa de uma constituição narcísica.

Consonante com o nosso estudo, Moreira et al. (2017) afirmam que as relações virtuais podem reforçar uma tendência narcisista, incitando um processo identificatório demarcado pela dimensão alienante da estrutura subjetiva. Os autores avaliam que um indivíduo ciumento dispõe da perseguição virtual do parceiro, por não o reconhecer em sua diferença – o Eu e o outro estão amalgamados. Para eles, o ciberespaço permite:

...que acompanhemos a vida cotidiana do outro, fazendo com que sua vida ‘pertença ao sujeito’. Afinal, o que é postado nas redes sociais está público e, desse modo, o outro me dá acesso à sua vida, mesmo que, em alguns casos, mais restritamente. Se o sujeito sente que há uma ‘permissão’ para fazer parte da vida do outro ilimitadamente, ou seja, se os limites entre o eu e o outro estão mais tênues pela virtualidade, por que não o fazer? (grifos no original, p.118)

A disponibilidade de informações do outro, assim como, a característica de instantaneidade presentes no ciberespaço são reconhecidas por Turkle (1999) como estimuladoras de um sentimento de pertencimento ao mundo virtual. Para a autora, quando on-line, as pessoas decidem estar disponíveis umas pelas outras. Ela desenvolve que, durante a interação em rede, as trocas subjetivas imediatas podem remeter a sentimentos de gratificação, estimulando uma sensação de filiação. A partir dessas ideias, podemos avaliar que, no caso do analisando citado, se deparar com a interação virtual da namorada com outras pessoas, que não ele, era ficar de fora da possibilidade de filiação a ela. Vê-la disponível a um coletivo conectado em rede em escala mundial, reforçava um afronto ao seu narcisismo.

O mundo virtual parece se apresentar como recurso para o sujeito ciumento alimentar o próprio medo da perda do objeto amado. Temendo o abandono, recorre às informações encontradas na rede pra antecipar-se, ilusoriamente, à possível traição. Provavelmente amalgamado com o objeto, defende-se, pois, perdê-lo, seria perder a si mesmo.

3.3.2 Um caso de isolamento

Renunciar a fruição, restringir o prazer, enfrentar uma doença ou a própria morte são infortúnios revogados ao indivíduo em sua constituição narcísica primária. Situação essa que se estende à vida adulta, quando os pais revivem o seu próprio narcisismo refugiando-se na criança, a qual asseguram sua imortalidade do Eu (Freud, 1914/2010). Ademais, “... no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade” (Freud, 1915/2010, p 230) e, dessa forma, tendemos a tratar a morte como algo apenas casual, frente a um acidente,

doença, infecção ou idade avançada. Freud (1915/2010) elabora tais reflexões em face ao cenário da primeira guerra mundial, demonstrando em que medida situações extremas podem afrontar a soberania do Eu. O autor dá pistas de como enfrentamos determinada conjuntura, quando buscamos no entretenimento, em especial aqueles do mundo da ficção, um substituto para encarar as possíveis perdas da vida.

Mais de um século depois do referido texto freudiano, o mundo viria a enfrentar outra situação extrema com a descoberta de um novo coronavírus, a qual marcou a passagem para o ano de 2020. Declarada como uma pandemia⁵, a doença impôs o isolamento social como uma estratégia global para redução do contágio e da transmissão comunitária do vírus. Na clínica psicanalítica, relatos sobre o enfrentamento de tal situação variavam, perpassando o medo da contaminação ao risco de morte, assim como, estratégias de negação de tal realidade. Nosso recorte clínico ilustra de que forma o provável estabelecimento do ideal de conexão virtual regular com outro comparece na experiência suscitada pelo isolamento social.

Com queixas iniciais em torno de sintomas ansiosos, a jovem adulta procura o atendimento psicológico de orientação psicanalítica, pois acredita que alguns hábitos, reconhecidos por ela como compulsivos, estão prejudicando sua saúde. Nas primeiras sessões, associa acerca de sua relação com o sexo e com a comida, dando-se conta de que, na ausência destes, outras atividades devem ocupar os seus lugares. Declara necessidade de estar sempre ocupada com alguma tarefa, procurando manter-se produtiva e ativa, se esquivando constantemente da possibilidade de ócio.

⁵ Organização Mundial da Saúde declara pandemia de coronavírus em 11 de março de 2020: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/events-as-they-happen>

A jovem distribui sua rotina semanal entre um trabalho formal e uma atividade profissional independente, voltada para o âmbito artístico. Reconhece sua disponibilidade e interesse mais direcionados a esta segunda, empenhando-se para um dia, se dedicar exclusivamente a ela. Trata-se de um trabalho como atriz, função que diz exercer com muita paixão, pois se sente reconhecida pelos colegas por apresentar competências que ela não observa em outros contextos de sua vida. Entre essas competências são citadas por ela a independência, autonomia, maturidade, experiência, segurança e “presença de palco” (sic).

Entre choros, demonstra sua insatisfação com o próprio corpo por não o considerar ideal ao exercício laboral. Além deste, revela insegurança em relacionamentos afetivos, se sentindo aquém de qualquer pretendente. Fora do teatro, outro palco se apresenta como recurso para o aumento do seu sentimento de si. As mídias sociais, em especial aquelas em que pode compartilhar imagens pessoais, participam de sua experiência subjetiva.

Em meio ao isolamento social em vista da pandemia, a jovem atriz se viu impedida de exercer sua atividade artística, voltando-se exclusivamente para o mundo virtual. Estar só se revelou um grande desafio para a analisanda que, mantendo sua rotina ocupada com diversas atividades, procurava estratégias para evitar o ócio, que para ela significava tédio e improdutividade. O uso das mídias sociais se tornou um aliado ao enfrentamento da situação, à medida que permitia interação social constante e atividades que estimulavam sua sensação de produtividade. Na publicação de uma foto pessoal, ou na troca de imagens íntimas com outras pessoas, descrevia o sentimento de conquista por receber elogios e por conseguir despertar a atenção do outro. Recursos de edição de imagens possibilitavam realizar retoques em suas imagens, permitindo a tentativa de alcance de uma aparência ideal aos seus e aos olhos de quem visualizasse suas postagens.

Ante as possibilidades de sociabilidade viabilizadas pela internet em escala global, outrossim, da importância destinada a atitudes de publicidade da intimidade e do reconhecimento subjetivo a partir do olhar do outro, a clínica psicanalítica atual se depara com indivíduos que podem enfrentar como um obstáculo situações diversas que aludem ao desamparo, como esta provocada pelo isolamento social. Lançar mão dos recursos virtuais revela-se como uma estratégia encontrada para moderação de possíveis ameaças ao narcisismo. Se por um lado, a evolução da tecnologia permitiu que algumas pessoas, que aderiram ao isolamento, tivessem a oportunidade de continuar o exercício de atividades profissionais e de lazer em casa, por outro, anuncia a necessidade de uma incessante estimulação e reconhecimento advindo do outro, assim como, a recusa em suportar uma experiência solitária.

A capacidade de estar só, nos diz Winnicott (1958), está relacionada intimamente com a maturidade emocional do indivíduo e com o estabelecimento de uma integração do Eu. Fazendo uma análise do desenvolvimento infantil, o autor nos demonstra que a necessidade da presença do outro remete ao estágio anterior ao complexo de Édipo, ou seja, ao período narcísico da constituição, momento em que o Eu ainda carece de uma unidade. Na experiência de estar só, mesmo na presença de alguém, o indivíduo tem o potencial de descobrir sua vida pessoal própria, tornando possível o estabelecimento do seu mundo interno. Numa alternativa contrária a essa, um indivíduo pode fundamentar falsamente sua vida respondendo a não mais que aos estímulos externos. Contemporâneo ao nosso estudo, Winnicott (1958) reitera que “a pessoa pode estar num confinamento solitário, e ainda assim não ser capaz de ficar só” (p. 32), podendo sofrer quando assim o precisa.

A partir da concepção winnicottiana, avaliamos que indivíduos imaturos narcisicamente podem encarar uma experiência solitária como um grande obstáculo, o que

possivelmente acusa uma necessidade do outro primordial, suporte básico para a existência do Eu enquanto uma unidade minimamente integrada. No estudo de Winnicott (1958), a dificuldade de um indivíduo em estar só aparece vinculada com a dependência de estímulos externos, os quais possuem suas raízes nos cuidados primários. Como desenvolveu Freud (1914/2010), a mulher que nutre ou o homem que protege, se inserem no tipo de relação narcísica de apoio, a qual Winnicott (1985) faz referência. Tal relação narcísica pode remeter à valorização de um ideal dentro de si, o que favorece o empobrecimento do Eu em detrimento ao objeto superestimado (Freud, 1914/2010).

Observando essas questões, refletimos que, diante de situações cotidianas que reportam ao sujeito sua condição inerente de desamparo, bem como de cenários extremos, como uma guerra ou uma pandemia, a constituição do Eu em torno de uma estrutura narcísica pode revelar a urgência da participação e reconhecimento do outro como indispensável para a experiência subjetiva no confronto com as exigências da realidade. No cenário atual, o uso de recursos virtuais, a depender de sua qualidade, pode se apresentar como complemento ao enfrentamento de situações que demandam ao sujeito o trabalho psíquico de gerenciamento do sentimento de si, sobretudo quando sozinho.

A partir do estudo de Aulagnier (1990), é possível avaliar que, estar sozinho permite ao sujeito a condição para poder pensar e se resguardar em sua intimidade. A autora demonstra que a possibilidade de criar pensamentos secretos, sem a exigência de constante comunicação destes, é uma necessidade para o funcionamento psíquico e a prova da autonomia conquistada pelo Eu. Uma vez que a ilusão de fusão com o outro é abandonada, surge a possibilidade de distinguir que “... separação não quer dizer isolamento” (p. 268).

É necessário destacar uma diferença entre o projeto moderno de autonomia (Santi, 2003; Mezan, 2002) e a concepção psicanalítica do termo. Conforme desenvolvem Mizrahi e Garcia (2007), o ideal de autonomia sustentado pelo período moderno estava mais vinculado a uma noção de que o indivíduo se constituiria “... como uma entidade autônoma e separada dos outros e da sociedade” (p. 268). As autoras demonstram que atualmente, na clínica psicanalítica, surgem decorrências dessa situação que impelem os sujeitos à busca por esse ideal que, ao não conseguirem, adoecem e se culpabilizam pelo fracasso. Numa leitura winnicottiana, elas demonstram que a autonomia não se refere a um individualismo extremo e, sim, a aquisição da capacidade fundamental de estar só como potencialmente criativa e prazerosa. A dificuldade em enfrentar o estar só pode “... nos dar a impressão de um voltar-se para si, de um retraimento narcísico...” (p. 277).

Para Aulagnier (1990), à medida que o Eu caminha para uma integração, a experiência de estar sozinho permite o alcance da capacidade para criar pensamentos e, por conseguinte, de negar ao outro o direito de olhar. Podemos considerar que o registro narcísico é posto em cena na cibercultura quando da necessidade de manter-se no radar escópico de alguém. A constante e sedutora estimulação do mundo virtual parece aludir ao investimento primordial na própria imagem, o que denuncia a prevalência do Eu ideal como referência de identificação.

A paciente citada provavelmente recorre ao mundo da ficção, seja nos palcos descortinados ou no ciberespaço, como uma maneira de reaver seu narcisismo. Buscando a satisfação de estar sob o olhar do outro, recebe a validação que possibilita o aumento do sentimento de si. Conforme nos apresenta Freud (1921/2011), o sentimento de inferioridade “... pode ser entendido como expressão da tensão entre Eu e ideal” (p. 96), algo que a analisanda provavelmente se confronta em sua vida psíquica. No refúgio proporcionado pelas

mídias, tende a evitar a referida tensão, ocupando e se satisfazendo com o reconhecimento advindo do outro.

De acordo com Turkle (2015), “no nosso mundo do ‘compartilho, logo existo’ nós não estamos preparados para dar uma chance à solidude” (tradução nossa, p. 39). A autora demonstra que, em momentos de tédio, algumas pessoas evitam explorar suas vidas psíquicas, preferindo a estimulação proporcionada pelos seus telefones. Afirma que, no lugar de usar um tempo sozinha para pensar, uma pessoa opta por preencher este momento com conexões digitais. Com isso, o sentido de privacidade, definido como o direito em não ser observado, é alterado.

Podemos considerar que o mundo virtual se apresenta como um recurso que, aparentemente, evoca uma satisfação imediata de encontro com os ideais primários. Conforme os autores pesquisados (Winnicott, 1958; Aulagnier, 1990; Mizrahi & Garcia, 2007), a dificuldade em aceitar a experiência de estar só aponta para um Eu ainda resguardado em sua constituição narcísica. Quando desenvolvida, a capacidade de estar só permite a construção de uma estabilidade do sentimento de si (Turkle, 2015). Conforme Aulagnier (1990), a dependência afetiva que cerca o Eu aos poucos poderá caminhar para uma valorização do distanciamento para que, dessa forma, o Eu possa desfrutar de momentos solitários como prazerosos, sem lançar-se à culpa de assim o fazer.

Considerações finais

Não interessados em uma conclusão que encerre a discussão sobre o tema, acreditamos que o estudo fornece materiais para uma reflexão acerca da participação do mundo digital nas formas pós-modernas de subjetivação e na atualização do Eu frente ao próprio narcisismo. A tarefa de estudar o comparecimento desses fenômenos na clínica e na cultura é ir ao encontro com a concepção de Freud (1921/2011) de que estaremos sempre nos referindo a psicologia individual ao falarmos da psicologia social. Consideramos que a experiência do mundo virtual se revela como mais uma possibilidade de expressão humana acerca de suas questões primordiais. Nessa direção, afirmamos que o uso da tecnologia não se anuncia como algo necessariamente deletério, da mesma maneira que não o reconhecemos como imparcial.

Demonstramos ao longo do primeiro capítulo as transformações ocorridas na cultura ocidental em torno das formas de subjetivação e sua relação com o aprimoramento das ferramentas comunicacionais que, desde cedo, possibilitavam determinadas formas de interação social. Foi possível verificar algumas mudanças nas noções dos âmbitos público e privado, conforme o passar dos séculos, em referência aos espaços ocupados pelos recursos tecnológicos.

No primevo da Modernidade, a subjetividade podia ser construída priorizando o âmbito privado. No conforto do lar, apartado do contexto público das ruas e resguardado dos olhares alheios, a criação de diários íntimos possibilitava um acompanhamento histórico da vida pessoal e familiar. Nas ruas, pertencer ao coletivo significava passar despercebido. O uso de acessórios e vestimentas obedeciam ao tom opaco e neutro. A construção de uma ficção do eu em público estava em não se diferenciar dos demais, escondendo-se atrás de costumes padronizados.

Com a chegada e expansão da fotografia, as imagens passam a ocupar a atenção das pessoas, que agora podiam enviar aos familiares distantes os principais acontecimentos reunidos em uma coletânea de fotos. As fotografias congelavam o tempo, permitiam o sentimento de nostalgia e protagonizavam as sublimes poses, gestos e feições do que se considerava belo. A vaidade pessoal se vinculava tanto à imagem corporal como a social em indivíduos que buscavam se adequar e ganhar algum destaque publicamente.

Com o avanço desses aparelhos apresentamos que, de certa maneira, o ‘velho’ comparece no ‘novo’. A promessa de inovação pós-moderna, na verdade, resgata o que era idealizado pelo período moderno. O movimento de virtualização não se restringe ao surgimento da internet, pois comparece em boa parte das ferramentas de comunicação, com potencial de flexibilizar fronteiras e modificar as premissas de tempo e espaço. Aproximando pessoas e culturas, a própria concepção de intimidade é relativizada à medida que alcança um público interessado em criar experiências subjetivas no contato regular com o outro.

Chegando ao segundo capítulo exploramos alguns desdobramentos da noção de Eu em psicanálise. Aparentemente, as primeiras anotações sobre o termo na obra freudiana se assemelhavam ao que era valorizado pela modernidade, um Eu vinculado à consciência e a racionalidade. Partindo do conceito de narcisismo em Freud (1914/2010), foi possível explorar o processo de constituição do Eu enquanto uma imagem que concede ao indivíduo uma forma unificada de seu corpo a partir das relações estabelecidas com os objetos. O campo sexual e inconsciente participa da formação das instâncias ideais, marcando o indivíduo em sua subjetividade, pois conferem modelos para assistência do sentimento de si conforme os aspectos da cultura vigente.

Foi possível observar que ao longo do processo subjetivo, uma articulação entre os âmbitos individuais e coletivos marcam a constituição do Eu e de suas instâncias ideais. A

primeira forma que toma o Eu, o Eu ideal, se subjaz no amor infantil, aquele sustentado pela relação primária em que impera a busca por satisfação imediata. Alienado ao semelhante, o Eu usufrui da atenção que lhe é destinada, expressando o sentimento de onipotência por ocupar a posição de perfeição aos olhos de quem ele se identifica e deseja. Quando do deslocamento a um novo parâmetro de identificação, o ideal do Eu, o social se impõe ao sujeito como critério de identificação.

A ligação afetiva presente na vida sexual individual também se estende aos membros de uma massa. A partir de diferentes mecanismos de identificação, o que é primitivo à experiência subjetiva pode retornar no grupo. Afetos ambivalentes de identificação marcam as formas de ligação entre as pessoas desde a sua base até as suas reedições em um coletivo vinculado por princípios culturais comuns.

Por fim, no último capítulo apresentamos algumas articulações dos capítulos anteriores em referência a cibercultura na sociedade pós-moderna. Salientamos algumas transformações em relação ao período moderno quando da inserção das tecnologias virtuais nas formas de comunicação e interação social.

Os autores pesquisados verificam a importância destinada à publicação da intimidade como forma de subjetivação atual. Estar no radar de alguém se apresenta como uma maneira de resgate das vivências narcísicas, possibilitando uma mensuração do sentimento acerca de si mesmo a partir do outro. Visibilidade e anonimato são duas características autorizadas pelo mundo virtual que permitem a expressão de um Eu que busca a validação de sua experiência subjetiva. O tempo em velocidade instantânea se cruza com um espaço de fronteiras tênues, demandando um complexo trabalho psíquico das exigências pulsionais de ordem narcísicas.

Revelamos que o Eu, enquanto um conjunto de representações, é baseado nas relações primordiais, sendo passível de uma atualização no decorrer de sua história. Na clínica atual,

marcada por expressões de sofrimento narcísico, as vivências dos espaços virtuais comparecem na associação livre dos pacientes. A expressão de ciúme e a dificuldade em estar só foram exemplos citados, os quais revelam a importância destinada à experiência em rede no trato com questões afetivas primárias. O outro conectado à rede se apresenta simultaneamente como rival e aliado ao dimensionamento do sentimento de si. É possível perceber a participação do mundo virtual no enfrentamento de experiências de desamparo, que convoca o sujeito a encarar o postulado de sua incompletude.

Entre as principais contribuições desse estudo destacamos que as tecnologias virtuais não realizam um trabalho de transformação iminente das experiências subjetivas e da própria cultura, na medida em que uma reatualização do antigo comparece no que é dado como novo. Demonstramos um possível retorno das formas de subjetivação modernas nas atuais, assim como, um desabrochar do primitivo constitutivo do Eu, seu registro narcísico. Novos rumos poderão ser tomados em outras pesquisas, por hora, deixamos que o sentido original do virtual faça seu papel: um devir de atualizações a serem futuramente efetivadas.

Referências

- Anzieu, D. (1989). *O Eu-pele*. Casa do Psicólogo.
- Aulagnier, P. (1990). O direito ao segredo: Condição para poder pensar. Em: *Um intérprete em busca de sentido* (Vol. 1, p. 257–279). Escuta.
- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Relógio d'água.
- Benjamin, W. (1987). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Em: *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. (Vol. 1). Editora Brasiliense.
- Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. Ed. 34.
- Castells, M. (2003). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Jorge Zahar Ed.
- Corbin, A. (1999). O segredo do indivíduo. Em: M. Perrot (Org.), *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. (Vol. 4). Companhia das letras.
- Dallazen, L., Giacobone, R. V., Macedo, M. M. K., & Kupermann, D. (2012). Sobre a ética em pesquisa na psicanálise. *Psico*, 43, 47–54.
- Dolto, F. (1984). *A imagem inconsciente do corpo*. Perspectiva.
- Elias, H. (2008). *Um Discurso sobre os Ciberespaços*. Livros Labcon.
- Elias, N. (2010). *A sociedade dos indivíduos*. Jorge Zahar Editor.
- Freud, S. (1969). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Em: J. Strachey (Trad.), *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (Vol. 1). Imago. (Obra original publicada em 1892–1899)
- Freud, S. (1969). Projeto para uma psicologia científica. Em: J. Strachey (Trad.), *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (Vol. 1). Imago. (Obra original publicada em 1895)
- Freud, S. (2010). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2010). Luto e Melancolia. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 18). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930)

- Freud, S. (2010). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia ("O caso Schreber). Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1911)
- Freud, S. (2011). O Eu e o ID. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 16). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 15). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1921)
- Freud, S. (2011). Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras Completas* (Vol. 15). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1922)
- Freud, S. (2012). Totem e Tabu. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 11). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912–1913)
- Freud, S. (2013). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 9). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1910)
- Freud, S. (2015). A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 8). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1908)
- Freud, S. (2016a). Análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”). Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905)
- Freud, S. (2016b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905)
- Freud, S. (2017). Chiste e sua relação com o inconsciente. Em: P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (Vol. 7). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905)
- Garcia-Roza, L. A. (2004). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Jorge Zahar.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP & A.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Imago.
- Jenkins, H. (2015). *Cultura da conexão: Criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Aleph.
- Lacan, J. (1986). *O Seminário Livro I: Os escritos técnicos de Freud*. Zahar. (Obra original publicada em 1954)

- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. Em: *Escritos* (p. 96–103). Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1949)
- Lacan, J. (2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo. Em: *Outros escritos* (p. 29–90). Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1938)
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Imago.
- Lazzarini, E. R., & Viana, T. D. C. (2010). Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. *Análise Psicológica*, 2(28), 269–280.
- Lemma, A. (2015). Psychoanalysis in times of technoculture: Some reflections on the fate of the body in virtual space. *The International Journal of Psychoanalysis*, 96(3), 569–582. <https://doi.org/10.1111/1745-8315.12348>
- Lévy, P. (2003). *O que é o virtual?* Ed. 34.
- Lévy, P. (2010). *Cibercultura*. Ed. 34.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. Barcarolla.
- Lipovetsky, G. (2009). *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Manole.
- Mallmann, C. J. (2016). Escopofilia: De que se alimenta o mundo virtual? *Estudos de Psicanálise*, 46, 45–54.
- Martin-Furgier, A. (1999). Os ritos da vida privada burguesa. Em: M. Perrot (Org.), *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira guerra*. (Vol. 4). Companhia das letras.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2010). *Figuras da teoria psicanalítica*. Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (2013). *Freud: A trama dos conceitos*. Perspectiva.
- Mizrahi, B. G., & Garcia, C. A. (2007). A capacidade de estar só: Um contraponto winnicottiano ao ideal contemporâneo de autonomia absoluta. *Psicologia em Revista*, 13(2), 267–280.
- Moreira, J. de O., Lima, N. L. de, Stengel, M., Goes Bento, H. L., Santos, L. F. P. dos, & Costa, G. B. (2017). O amor e o stalker: Novos recursos para a vigilância nas redes sociais. *Psicologia em Revista*, 23(1), 106–122. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P447>
- Oliveira, G. D. F., & Ceccarelli, P. R. (2015). Realidade virtual v. Realidade psíquica. *Estudos de Psicanálise*, 44, 101–108.

- Peixoto Junior, C. A. (1999). *Metamorfoses entre o sexual e o social: Uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Civilização Brasileira.
- Prost, A. (1992). Fronteiras e espaços do privado. Em: G. Vincent (Org.), *Da primeira guerra a nossos dias* (Vol. 5). Companhia das Letras.
- Rios, F. C. (2013). Sobre ciúmes e erotomania: Reflexões acerca de um caso clínico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(3), 453–467. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000300009>
- Roudinesco, E., Jorge, M. A. C., Ribeiro, V., Magalhães, L., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santi, P. L. R. de. (2003). *A crítica ao eu na modernidade: (Em Montaigne e Freud)*. Casa do Psicólogo.
- Santos, J. F. dos. (1998). *O que é pós-moderno*. Brasiliense.
- Santos, L. (2019). A psicanálise no mundo contemporâneo. *Reverso*, 41(77), 65–74.
- Sennett, R. (1988). *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. Companhia das Letras.
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Nova Fronteira.
- Silva, J. J. da, & Rocha, Z. de J. B. (2017). Interpretando o “sem sentido”: Um olhar hermenêutico na metodologia psicanalítica. *Revista Subjetividades*, 17(2), 41–53. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i2.5207>
- Soler, C. (2016). *O que faz laço?* Escuta.
- Suler, J. (2004). The Online Disinhibition Effect. *CyberPsychology & Behavior*, 7(3), 321–326. <https://doi.org/10.1089/1094931041291295>
- Turkle, S. (1999). Fronteiras do real e do virtual. *Revista FAMECOS*, 6(11), 117. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1999.11.3057>
- Turkle, S. (2015). *Reclaiming conversation: The power of talk in a digital age*. Penguin Press.
- Winnicott, D. W. (1958). A capacidade para estar só. Em: *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (p. 31–37). Artmed.